

FAMÍLIA VALENTINI - LIVRO 1

# BENJAMIN

MARI SALES

# BENJAMIN

# Família Valentini – Livro 1

## Mari Sales

1ª. Edição

# Copyright © Mari Sales

Edição Digital: **Criativa TI**
Revisão: **Marta Fagundes**

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



# Sumário

Sinopse
Dedicatória
Agradecimentos
Capítulo 1
Ray
Capítulo 2
Ray
Capítulo 3
Ray
Capítulo 4
Ray
Capítulo 5
Ray
Capítulo 6
Ray
Capítulo 7
Ray
Capítulo 8
Ray
Capítulo 9
Ray
Capítulo 10
Ray
Capítulo 11
Ray
Capítulo 12
Ray
Capítulo 13
Ray
Capítulo 14
Ray
Capítulo 15
Ray
Capítulo 16
Ray
Capítulo 17

Ray
Capítulo 18
Ray
Capítulo 19
Ray
Capítulo 20
Ray
Capítulo 21
Ray
Capítulo 22
Ray
Capítulo 23
Ray
Capítulo 24
Ben
Outras Obras



# Sinopse

Marcados por uma tragédia em sua infância, os irmãos Valentini estão afastados há muito tempo uns dos outros. Benjamin, o irmão mais velho, precisou sofrer uma desilusão para saber que a família era o pilar de tudo e que precisava unir todos novamente.

Embora a tarefa parecesse difícil, ele encontra uma aliada para essa missão, a jovem Rayanne, uma mulher insegura, desempregada e apaixonada por livros, que foi contratada para organizar a biblioteca da mansão e encontrar os diários secretos da matriarca da família.

Em meio a tantos mistérios e segredos, o amor familiar parece se renovar tanto quanto o amor entre um homem e uma mulher de mundos tão distintos.



# Dedicatória

Para minha Rayanne que não se importa de ser chamada pelo nome ou pelo apelido. Eu vejo o seu brilho e seu potencial.



# Agradecimentos

À minha família, que é um pedacinho Divino na minha vida, amo vocês.

Aos amigos literários: Stars, Loucas, Superpoderosas, Parceiras Poderosas, Encantadas, Café com Letras, Destino Literário, enfim, a comunidade literária nas redes sociais, meu eterno agradecimento por me darem uma chance. As postagens, as resenhas ou qualquer outro comentário feito é e sempre será um grande tesouro para mim.

Às irmãs, companheiras e parceiras dessa jornada literária, LS Marketing Literário: Denilia Carneiro, Lih Santos e Lis Santos, vocês fazem muito mais do que imaginam na minha vida. O encontro na Bienal do Livro em SP é o primeiro de muitos para renovarmos nossas energias e darmos muitas risadas. A vida precisa ser mais leve, sempre.

Meus amigos-leitores especiais: Michele, Digo, Pri, Daisy e Ana, sou apaixonada por vocês e o quanto me pressionam para o próximo capítulo, próxima obra ou próxima qualquer coisa, além das observações preciosas. Continuem colocando lenha na fogueira!

Às minhas musas, que sempre estenderam a mão com amor e carinho, M. S. Fayes e Sue Hecker, obrigada por serem inspiração.

Amigas e autoras que estão comigo no dia a dia, sejam em grupos, na conversa privada ou apenas na curtida amiga, obrigada e saibam que pode contar comigo sempre!

E claro, por último, mas não menos importante, às inspirações dessa família que tem sobrenome Valentini não por acaso. Valentes em suas áreas de atuação, corajosas e persistentes no dia a dia, Ray, Letícia, Paula, Josi, Alci e Thárcyla, obrigada. Se vocês não imaginavam o que iria virar aquela brincadeira de ser leitora beta, imagine eu, que nunca pensei que tinha glamour para isso. As deusas da Gisele Souza têm um cantinho especial no meu coração por me proporcionarem essa união. Não é da boca para fora quando digo que o amor transbordou e virou história. Espero honrar e respeitar a amizade de vocês além do universo literário.



# Capítulo 1

## Ray

— Já acordou, Ray? — Minha avó abre a porta do meu quarto e coloca apenas a cabeça para dentro com a intenção de verificar meu estado atual.

Era mais de dez horas, normalmente saía e voltava para o meu quarto, tamanha era minha animação para a vida. Com um celular sempre à mão, ou ficava navegando na internet, lendo um livro, ou conversando com minhas amigas virtuais.

Sei muito bem que estava mais sobrevivendo do que vivendo, também sei que não estava fazendo nada de especial, mas o destino parecia me querer apenas assim, estagnada na minha vida pessoal e profissional.

Abandono o celular e sento na cama para olhar minha avó, perguntando apenas com meus olhos o que ela precisava. Há muito não morava mais com meus pais e encontrei, na minha avó materna, um lar que nunca tive antes.

— Sabe a casa dos Valentini, no final da rua?

— A mansão dos Valentini, você quer dizer, vovó — corrigi divertida.

— Essa mesma, minha filha. A dona Judite precisa de alguém que ajude a limpar umas coisas e ela não confia em ninguém para isso.

Meu celular apitou, eu rapidamente desbloqueei e fiz bico quando Letícia enviou uma promoção de livros em nosso grupo. Aquela trilogia que tanto cobiçava estava pela metade do preço e a falta de dinheiro e vergonha de pedir aos meus pais me impedia, inclusive, de comprar agora.

— Prestou atenção no que falei, Ray? — minha avó chamou minha atenção, e logo peço desculpas com o olhar.

Levanto e vou até a porta, me afastando da tentação.

— Desculpe, vovó. Pode repetir?

— Judite precisa de alguém para ajudar na limpeza daquele casarão. Como ela não confia em ninguém, perguntou pra mim se você não estava livre para que ajudasse.

— Faxina, vozinha? — Fiz uma careta, não querendo nenhum serviço braçal, numa casa gigantesca daquela, por algumas migalhas.

— Sei que não é faxineira, querida, mas será um dinheirinho extra para suas coisinhas — ela falou e fez carinho no meu rosto. — E eu falei que se ela pagasse quinhentos reais a diária, você iria. O que acha?

Abri a boca em choque. Minha avó conseguiu barganhar muito. Pensei naquela mansão, nas coisas delicadas e no meu jeito desastrado e não vi uma boa combinação. A imagem da promoção dos livros também se fez presente na minha mente e agora, um duelo entre os prós e contras sobre esse bico me fizeram quase aceitar sem pestanejar.

— Se eu quebrar alguma coisa não vai descontar do meu pagamento? Sabe o quanto sou desastrada, vovó.

— Também sei o quanto é cuidadosa com seus livros. Ela adorou saber que você é organizada e pretende te colocar para esse tipo de serviço, e não no pesado.

— Eles vão voltar a morar naquela casa?

Abri a porta do meu quarto num convite silencioso para que minha avó seguisse para onde ela quisesse. Foi para a cozinha e voltou à sua mistura. Hum, acho que hoje teríamos sobremesa para o almoço.

— Não sei, Ray. Sabe que depois da morte do pai, de forma trágica, a família se despedaçou e cada irmão foi para um canto. Parece que um deles virá visitar o imóvel, quem sabe finalmente colocar para vender.

— Já volto, vó!

Corri para meu quarto, peguei o celular e voltei para a cozinha, meus dedos já digitando nervosamente sobre a família Valentini e seus herdeiros. Lembrava muito bem sobre a história, o que foi noticiado há anos e nunca mais soube deles.

Estava morando com vovó há pouco menos de dois anos. Antigamente, vinha e ficava no máximo dois dias e não conhecia muito bem a vizinhança, apenas a fofoca. Hoje não se falava mais da família que era dona da cidade, na verdade, nenhum deles morava mais aqui.

O que será que mudou?

Na pesquisa rápida que fiz, encontrei vários rostos desconhecidos. Os três irmãos Valentini não compartilhavam nenhuma empresa ou empreendimento, salvo a beleza, pose imponente e os ternos.

Céus, os três eram lindos!

O mais velho tinha trinta e cinco anos, seu olhar era muito sério e não se via muitas mulheres em sua volta. Benjamin Valentini me impactou com seu olhar superior direto para a câmera.

Carlos Eduardo Valentini era o filho do meio, com trinta e um anos, sorriso fácil e muitas mulheres nas fotos. Consegui, inclusive, *stalkear* seu

Instagram e babei nas fotos dele, praticamente sem roupa na praia. Ele parecia viver na paz, apesar das fotos de terno que denunciavam que ele trabalhava em uma posição importante.

Arthur era o mais novo e apesar de poucas imagens disponíveis na internet, era o que mais trabalhava. Defensor da reciclagem, produtos naturais e sustentabilidade, o que mais aparecia eram suas obras. Não descobri sua idade, por isso, pesquisei sobre o acidente para saber exatamente quantos anos tinha.

— O que está fazendo, menina?

— Futricando na vida alheia — brinquei com minha avó, me aproximei dela e beijei seu rosto. — Olhe, estou procurando na internet sobre os irmãos Valentini. — Mostrei a tela do celular e minha avó parou o que estava fazendo para saber mais como eu.

— Já se passaram vinte anos desde aquele acidente, menina. Que tristeza que foi!

Eu tinha cinco anos na época e nunca me abalei pelo que aconteceu até agora. O tal acidente não era bem como minha avó falou. A notícia que encontrei sobre o ocorrido relatava que o marido pegou a mulher na cama com o amante, matou o homem e depois se matou.

— Essa história é verdadeira, vovó?

— Quem sabe, minha filha? Confesso que não acredito de verdade no que aconteceu, porque Vivian era dedicada à família e aos filhos. Duvido que que tenha traído o marido, mas era o que foi relatado.

— Coitados deles...

Na época, Benjamin tinha 15, Carlos Eduardo, 11, e o mais novo, 9. Então, Arthur tem hoje 29 anos.

— Posso avisar Judite que você vai amanhã?

Mudo o aplicativo do celular, confiro as promoções de livros e suspiro. Sim, eu iria fazer esse serviço só para comprar meus caprichos.

— Pode sim, vovó. A partir das oito? — peço, porque ninguém merecia acordar cedo pra fazer faxina.

— Às sete da manhã, mocinha. Vou levar almoço pra vocês.

Volto para meu quarto, deito na cama e volto à minha rotina.

Era triste saber que formada em jornalismo, a única coisa que eu me permitia fazer era alguns textos que sempre achei não serem grande coisa. Eu tinha um problema e ele se chamava... insegurança.

Eu me voluntariava no hospital do câncer, era muito feliz lá, mas

minha profissão era outra. Tentei fazer currículo, procurar alguma vaga de estágio onde eu pudesse me identificar, mas a única coisa que encontrava era meus amigos dizendo o quanto não pagavam bem e os faziam de escravos.

Queria um emprego, mas tinha sorte de não estar passando fome para me sujeitar a isso.

Volto a minha pesquisa de antes e procuro saber mais sobre Benjamin, o mais velho. Os três eram bonitos, mas ele foi o que mais me deixou curiosa, por não demonstrar tanto de sua personalidade na rede.

Ele era dono de uma grande empreiteira, que não só trabalhava com construção civil, mas também com construção de estradas e pontes.

— Uau, ele fez a ponte do nosso bairro!

Encontrei uma reportagem sobre a empresa enquanto construía – como um presente para a cidade natal do seu CEO –, a ponte sobre o rio Jurumim.

Construtora Valentini era poderosa, bilionária e completamente inalcançável para mim. Estar na casa deles seria a única forma de ter contato com eles.



# Capítulo 2

## Ray

Bocejando por causa do sono, tentei me manter acordada com o café que vovó fez, mas foi impossível. Não estava acostumada a me levantar tão cedo, mas o dever me chamava e a grande recompensa que viria.

A pé, segui até a mansão e parei no portão principal sem saber onde apertar ou como chamar dona Judite para me receber. Vestindo calça *legging*, uma blusa de grandes proporções e tênis, na minha bolsa coloquei uma muda extra de roupa e uma toalha, além da minha garrafinha de água e alguma bolacha para beliscar durante a faxina.

Vou andando para o lado, procurando qualquer botão ou interfone para chamar atenção de quem estava dentro da casa e assim que me aproximo do final das grades e início do muro, uma porta se abre e uma voz feminina soa:

— Entre, menina, estamos te esperando.

Como eu não percebi que no final da grade era uma entrada e aquele quadrado preto, quase imperceptível, era um interfone?

— Obrigada — respondi, entrei e fechei com cuidado atrás de mim.

Realmente esse lugar era uma mansão. Com muitas janelas, detalhes em volta das mesmas e portas de madeira esculpida, para que isso ficasse bem limpo e organizado precisaria de um exército.

Segui para a porta que estava aberta e abri a boca em surpresa, porque dentro era muito mais elegante que fora. Branco, vidros e muitos móveis elegantes adornavam o hall e a sala de visita, os primeiros cômodos da entrada.

— Olá, você deve ser Ray, a neta de dona Maria. — Uma senhora com cabelos grisalhos e sorriso acolhedor se aproximou e me abraçou. Ela estava perfeitamente alinhada em sua blusa branca e *short* pretos até os joelhos.

— Sim, muito prazer, dona Judite.

Ela se afastou, segurou meus ombros e me olhou da cabeça aos pés.

— Tenho uma missão importante pra você. Sua avó me falou que gosta de livros e cuida muito bem deles, não é mesmo?

Ela segurou no meu pulso e saiu me puxando pela casa. Agora passamos pela escada gigantesca e seguimos para um corredor.

— Sim, eu adoro ler.

— Preciso de alguém cuidadoso para organizar a biblioteca da casa,

verificar se existe algum livro danificado e também catalogar.

Bem, parecia um serviço um pouco cansativo, mas nada que me fizesse desistir.

Ia abrir a boca para responder de acordo, mas não consegui, porque parei na porta da biblioteca e meu queixo se manteve no chão. O cômodo era maior que meu quarto, tinha duas paredes repletas de livros da altura da minha cintura para cima, até chegar ao teto. Havia uma escada flexível acoplada à estante que poderia ser movimentada para os lados e uma grande mesa no centro, com luz de leitura, cadeiras confortáveis e paz.

Eu precisava de um lugar desses para mim.

Havia muito pó sobre as superfícies, e apesar da janela um pouco aberta, chegava a ser um pouco claustrofóbico por não ter muito ar puro aqui.

— Pode ser? — Pisco meus olhos algumas vezes para me situar novamente à realidade e olhar para Judite, que me perguntou algo e não tenho a menor ideia do que seja.

Entro no cômodo, vou até uma prateleira e ofego de emoção. Era a coleção vagalume e pelo jeito que estava, era a primeira edição.

— Estou um pouco fascinada por tudo isso, dona Judite, desculpe. Poderia repetir?

— Vou trazer o material de limpeza recomendado para o serviço, luvas e máscara, a última coisa que preciso é de você doente por causa dos ácaros.

— Graças a Deus não sofro com o mal da alergia, vou me dar muito bem aqui. — Voltei a olhá-la com um sorriso e seu semblante era sério. — Algum problema?

— O motivo de ter que ser alguém de confiança — ela espirra e depois suspira, se aproximando de mim e reduzindo o tom de sua voz —, é que há alguns álbuns de fotografias e recorte, coisa da dona Vivian depois do acidente.

— Tudo bem — respondi com seriedade.

— Ninguém sabe onde estão, apenas que se mantêm aqui em algum lugar. Você limpará, organizará por coleção e depois ordem alfabética de nome de autor. Caso você encontre algo pessoal, separe e me chame, tudo bem?

— Pode contar comigo — respondi com confiança.

— E apenas para reforçar, nada do que você viu aqui poderá ser exposto para ninguém, nem sua avó. Senhor Valentini faz um contrato de sigilo com todos os funcionários, mas como seu serviço é excepcional aqui e confio muito na sua avó, posso confiar em você também. Certo?

Engoli em seco antes de acenar com a cabeça.

— Claro, não há motivo nenhum para expor esse trabalho para ninguém. Obrigada pela confiança.

Ela sai da biblioteca e me deixa sozinha. Vou até a janela, que não era coberta por cortinas, e apenas uma grade escura, e a abro completamente. O quintal da casa era gigante, a grama verde recém-cortada quase perdia de vista seu fim. Havia dois homens bem ao fundo cortando o grande mato que se alastrou por aqui.

— Aqui está seu material de limpeza dos livros e do cômodo. Vou deixar a porta fechada para que trabalhe tranquilamente e se os homens do jardim se aproximarem, peço que feche a janela o máximo que você puder, esse lugar é quase um segredo para todos que aqui limpam.

— Vou fazer isso agora então. — Volto a fechar a janela, mas deixo uma fresta. Acendo as luzes e coloco minhas mãos na cintura, tentando raciocinar como começaria. — A senhora tem um aspirador de pó para tirar o excesso primeiro?

— Vou trazer, mas precisará devolver logo. Faremos juntas, pode ser?

— Sim.

E assim minha saga com aquela biblioteca começou. Minha maior preocupação era como faria a ordenação dos livros, além da limpeza. Uma coisa era certa, não daria para fazer duas coisas ao mesmo tempo.

Depois que limpamos a maioria do pó com aspiradores de pó, fiquei sozinha e tentei montar uma estratégia. Antes de surtar por começar a pensar que não daria conta, mandei mensagem no meu grupo especial de amigas de leitura e pedi ideias.

Letícia, a sempre antenada em tudo, me passou um aplicativo, onde eu poderia armazenar todo o acervo apenas lendo o código de barras e se não tivesse, eu tirava foto da capa do livro e ele conseguia reconhecer as letras do título e autor.

Uau, que modernidade era essa?

Coloquei minha playlist para tocar e comecei pelo canto da esquerda, primeira prateleira ao meu alcance. Isso não seria um trabalho de um dia e estava feliz que conseguiria uma grana para comprar não só os meus livros desejados, mas talvez, viajar e participar de um evento literário.



# Capítulo 3

## Ray

Depois de três dias vivendo exclusivamente para a biblioteca particular da família Valentini, consegui terminar de catalogar os livros no aplicativo, já havia limpado todas as estantes e agora começaria a colocar tudo no lugar. Não havia nada pessoal no meio dos livros como dona Judite falou.

Ainda bem que o aplicativo me deu exatamente a ordem de como eu deveria armazenar os livros, já estava pensando em desistir disso tudo antes mesmo de começar a tentar.

Eu tinha um grande defeito e esse era nem começar uma coisa que na minha mente parecia que não daria certo.

— Será que hoje termina? — Dona Judite apareceu na porta da biblioteca e chamou minha atenção. Estava na escada, colocando três livros de uma vez. Já estava quase na metade da primeira estante.

— Posso ficar até mais tarde para que termine, o que acha? — perguntei, sabendo que às dezoito horas não terminaria nem se eu fosse duas.

Já eram treze horas, vovó havia trazido o almoço e estava mais do que satisfeita pelas próximas duas horas. Eu só gostava de comer, muito. Agradecia aos genes dos meus pais que não me permitiam engordar com tanta facilidade.

— Se você terminar hoje, além de te pagar eu te pago um extra, tudo hoje.

Desço da escada e me aproximo dela. Pagar além dos dias que trabalhei era muito para mim.

— Não precisa pagar nenhum extra. Uma diária para mim estava mais do que bem pago pelo serviço.

— Combinado então, você fica até terminar e eu pago o extra — ela responde ignorando o que falei antes e nego com a cabeça. — Só peço que não saia desse cômodo. Assim que terminar, me ligue e eu venho te acompanhar até a saída.

— Pode deixar.

E assim eu voltei ao meu trabalho, a música tocando ao fundo me permitia trabalhar com mais tranquilidade e esquecer das horas que me aguardavam.

De tempos em tempos eu beliscava o bolo que minha avó deixou hoje de lanche.

Quase no final da segunda estante, nem olhando as horas, apenas sabendo que era noite por causa da escuridão que vinha do lado de fora pela fresta da janela pouco aberta. Coloco três livros na estante, no último canto em que precisaria da escada para me auxiliar, percebo um risco que não tinha visto quando limpei. Seria uma rachadura?

Passo o dedo pelo fundo da prateleira e percebo que está mole. Olhei para trás, depois voltei a mexer, e com medo, desço da escada e observo o cantinho que faltava pouco para ser completado. As pilhas e pilhas que adornaram a mesa e o chão desse lugar não existiam mais e isso me deixava feliz e triste ao mesmo tempo.

Conheci coleções de clássicos nacionais, internacionais e livros que nunca ouvi falar, mas que anotei para ler, porque as sinopses eram muito interessantes.

Aqui eu me sentia bem e em casa, estava com as horas contadas para me despedir e nunca mais entrar.

Voltei minha atenção para um possível local secreto e me debati sobre chamar dona Judite ou apenas arrombar o lugar. E se ela achar que já era para ir embora? Se ela brigar? Ela ainda não me perguntou sobre os itens pessoais que achei, então, e se essa fosse a chance de dar o que ela precisava?

Subi novamente na escada, empurrei com suavidade com o dedo, depois com força, fazendo com que um quadrado se deslocasse e um fundo com alguns cadernos dentro e muitas teias de aranha se mostrasse.

Peguei todos eles, fazendo cara de nojo por causa das teias e desci a escada, indo direto ao pano e produtos para limpar os livros.

O primeiro caderno que abri continha muitas fotos de crianças e recortes de jornal, sobre as conquistas do senhor Franklin Valentini e sua esposa Vivian Valentini.

Sentada no chão, perdida em memórias alheias, esqueci que esse era um material sigiloso e absorvi todas as informações que encontrei aqui.

— Quem é você? — Uma voz masculina me fez dar um gritinho assustado e erguer a cabeça, encontrando um homem com barba rala, semblante sério e olhos passando todos os tipos de sentimentos: dor e raiva.

Oh, meu Deus, era Benjamin Valentini!

— Oh, senhor, me desculpe, eu... — Levantei desengonçada, o livro com as fotos e recordações caindo do meu colo e quase se despedaçando no chão! — Não! Dona Judite vai me matar! — falei desesperada.

Esqueci meu visitante e só pensei em arrumar o estrago que fiz. Eu era

destrambelhada, não tinha feito nada de errado até agora, estava até achando estranho. E tinha que ser na frente do dono da casa, claro, essa era eu.

Peguei o pano para limpar e tentar colocar duas fotos que tinham se soltado. Ainda sentada no chão, vejo sapatos pretos no meu campo de visão e olho para o alto, para ver Benjamin de terno e gravata me olhando de cima. Isso não aconteceu por muito tempo, porque ele se agachou ao meu lado e pegou as duas fotos soltas.

— Esse era eu — falou suave e me entregou, só assim eu conseguindo perceber a criança sorridente e com olhar peralta na imagem. — Esses são meus pais — falou seco e também entregou a foto para mim. — Onde estavam?

Estava sem fala, sua proximidade e meu desastre me intimidando e me congelando no lugar. Encontrei seu olhar e ele não desviou o seu do meu.

Caramba, algo tinha acontecido e esperava que não fosse meu acidente, porque eu só conseguia ver raiva e sofrimento no seu olhar.

— Oi? — ele tentou me tirar do transe e depois de piscar várias vezes, suspirei e coloquei as imagens na página onde elas estavam, fechando o caderno em seguida.

— Sou Ray, neta da dona Maria aqui da rua. Dona Judite me contratou para limpar a biblioteca e pediu sigilo em tudo o que eu encontrasse aqui. Estou terminando, senhor, não se preocupe...

— Não sou tão mais velho que você para ser chamado de senhor, sou? — perguntou ainda sério e vi a sombra de um sorriso.

— Talvez dez anos? — falei e mordi a língua, sabendo que dessa forma me denunciei sobre o *stalkeamento* que fiz com a sua família. — Tenho vinte e cinco.

— Sim, dez anos... — falou de forma sombria e se sentou, cruzando as pernas como eu. — Posso olhar?

— Claro, são seus, eu só estava...

— Limpando? — completou por mim, com tom de escárnio.

— Era futricando mesmo. Como estava em um lugar secreto, eu só queria conferir se era algo pessoal e acabei submersa nas lembranças alheias. — Fui sincera e recebi um olhar repressor dele. Dei de ombros, sabendo que minha primeira impressão e reputação estavam manchadas mesmo. — Eu não vou falar para ninguém, prometi à dona Judite.

— Assinou nosso termo de sigilo? — perguntou, olhando um segundo caderno e meu olhar querendo ver a mesma coisa que ele.

— Não precisa, eu não tenho motivo para contar, muito menos para quem contar — falei um pouco ressentida e me levantei, tendo seu olhar me acompanhando. — Eu vou continuar com meu serviço e logo vai se livrar de mim.

Ele se levantou e me impediu de pegar o celular, para conferir quais seriam os próximos livros a serem guardados. Olhei primeiro na sua mão no meu pulso e absorvi as sensações que nosso contato causou em mim. Depois subi o olhar para seu rosto e o percebi olhando minha mão, ou melhor, o celular.

— O que você fez?

— Cataloguei os livros. — Nossa, será que não poderia ter usado um aplicativo? — Sabe, eram muitos livros, eu teria trabalho de limpar e então catalogar manualmente, eu só queria ter ajuda, porque dona Judite estava pagando quinhentos reais a diária e não teria coragem de tirar mais de mil reais dela e...

Ele cobriu minha boca com sua mão e sorriu com compreensão.

— Já percebi que minhas perguntas não estão sendo muito bem compreendidas. Tem como você me repassar esse catálogo?

Respondi com sua mão na minha boca e ele se afastou de mim.

— Tenho que ver, eu só mexi na parte de cadastro.

— Se eu precisar do seu celular para extrair essa informação, você me emprestaria?

— Você quer me *stalkear* também? Já vou adiantando, não há nada de interessante na minha vida, sou uma jornalista desempregada, sem amigos reais e muitos virtuais. Eu leio e faço bicos.

Não acreditei quando ele revirou os olhos, puxou uma cadeira e se sentou.

— Estarei olhando os cadernos que você achou enquanto termina seu trabalho.

— Vai ficar aqui me vigiando? — Fechei os olhos e me bati mentalmente. O cara era dono da casa, provavelmente a pessoa que me pagava e eu estava só falando merda.

Ele não respondeu, corri para pegar os outros cadernos que estavam no chão e coloquei ao seu lado. Ele me incomodava ao mesmo tempo que me interessava, conseguia ser sincera e desastrada, tudo ao mesmo tempo, só por causa do seu olhar e toque.

Ele era um homem atraente, eu havia me interessado apenas pela sua

foto, mas... Tudo parecia uma grande incógnita, essa era a verdade.

Essas seriam as horas mais longas da minha vida.



# Capítulo 4

## Ray

— Terminei! — falei animada, levantando as mãos como vitória. Virei o corpo para o meu visitante e ele apenas me observava atento.

— Quer que te leve em casa? Preciso acertar algo?

— Vou ligar para dona Judite, combinei tudo com ela — falei já andando até meu celular.

Credo, eram mais de dez horas, vovó com certeza estaria preocupada. Fui para perto da janela, observar o luar e avisar primeiro minha avó, que estava bem, e voltaria logo para casa. Ela atendeu no segundo toque.

— *Minha filha, onde está?* — perguntou preocupada.

— Fiquei até mais tarde para terminar o serviço, vó. Só vou ligar para dona Judite e volto para casa.

— *Não jantou? Eu vou aí te buscar, não ande sozinha à noite.*

— Estou com fome de leão, vó, a senhora sabe como eu como. Mas não se preocupe, vou em um pé, volto no outro e ainda vou pedir uma pizza para comemorarmos.

— *Tem bolo te esperando também. Fico preocupada com você sozinha nessa casa. Tem alguém aí?*

— Obrigada, vovó! E não se preocupe, o senhor Benjamin chegou de viagem e me fez companhia. Beijo.

Encerrei a ligação antes de ela me fazer mais perguntas e continuei de costas para Benjamin. Disquei para Judite e agradeci que a operadora fosse a mesma que a minha, senão teria que pedir emprestado o celular do moço bonitão.

Ri de mim mesma, estava atraída por alguém tão mais velho e bonito e tinha certeza que a recíproca nunca aconteceria. Eu sonhava acordada, às vezes dava corda para minha imaginação, até porque, não pagava nada.

— *Alô.*

— Oi, Judite. Terminei — falei e tive o celular removido da minha mão. — Hei! — reclamei com o dono da casa, que me olhava com o cenho franzido.

— Judite, aqui é Benjamin. Sim, já cheguei e acompanhei a senhorita na conclusão do seu serviço... — Ele revirou os olhos como fez da outra vez e se

afastou, eu o segui, ele estava com meu celular! — Não há nada que se desculpar, só me diga quanto precisa pagar para...

Ele se virou para mim abruptamente e colidi minha frente com a dele. Dei alguns passos para trás, nossa proximidade me dando mais ideias perversas do que o necessário. Ele tinha uma pergunta no olhar e eu estava... atordoada com o que constatei.

Ele tinha uma parede de músculos.

— Seu nome — sibilou Benjamin, removendo o celular de perto da boca.

— Rayanne, mas prefiro que me chamem de Ray.

— Quanto eu devo pagar para Rayanne que gosta de ser chamada de Ray? — falou para o celular e virou de costas para mim.

Era sério mesmo que ele estava me remendando?

— Senhor Benjamin, devolva meu celular! — Comecei a pular à sua volta, tentando alcançar o aparelho, como se fosse uma criança, e ele me olhava com sorriso contido.

— Tudo bem, eu faço o pagamento e não se preocupe, está tudo certo tranquilo aqui. Obrigado.

Devolveu o aparelho para mim, que tomei de sua mão com um bico e conferi se a ligação tinha sido encerrada.

— Então, Rayanne que prefere ser chamada de Ray, vamos jantar uma pizza antes de te levar para a sua casa?

Benjamin parecia tão tranquilo com sua roupa formal e seu semblante despreocupado, encostado na mesa da biblioteca. Cruzei meus braços à minha frente e inflei o peito.

— Não precisa me remendar, só me chame de Ray.

— Então não me chame de senhor. Me faz parecer muito mais velho que você e não acho que eu seja tudo isso.

— Dez anos são muita coisa, praticamente uma geração — falei com propriedade e ele pareceu muito incomodado com esse fato.

— Rayanne que prefere ser chamada de Ray, só economize, senão, não economizarei.

Ele tinha razão e parecia ser mais chato do que eu nesse quesito de manias e frescuras.

— Tudo bem, me desculpe. — Saí da minha pose defensiva e suspirei, indo em direção à minha bolsa. — Eu já vou indo...

— Não vai receber seu pagamento?

Guardei tudo o que precisava dentro da bolsa, coloquei a alça no meu ombro e o encarei.

— Não sei... o senh... você! — Levantei as mãos e me parei. — Você, você! Você vai me pagar?

— Vou, depois que jantarmos uma pizza. Onde tem uma boa e saborosa nesse horário?

— Você não precisa fazer isso... — resmunguei, assustada com a aceleração do meu coração e as ideias que se formavam na minha mente. Uma coisa era eu sonhar, outra coisa ele tornar real.

— Cheguei de viagem há pouco e apesar de ter comida na geladeira, eu gostaria de andar na cidade e ver o que mudou. — Ele deu de ombros e eu debati sobre ir ou não.

— Minha roupa não é adequada.

— Se quiser, podemos passar na sua casa e você troca. — Ele se virou, juntou os livros pessoais da família em uma pilha e colocou-os debaixo do braço. — Enquanto você se decide, eu vou guardar esses preciosos aqui. Obrigado por tê-los achado.

— Seu segredo está bem guardado comigo! — Tentei sorrir, mas meu nervosismo estava tomando o melhor de mim.

Ele saiu da biblioteca, eu fechei a janela, juntei todo o material de limpeza e deixei no chão, no canto da porta do lado de fora. Quando alguém aparecesse amanhã, levaria embora sem precisar entrar no local.

Fui para a sala de estar, sentei na poltrona elegante e dura, para esperar. Se eu voltasse para casa, vovó não me deixaria ir além da antecipação das mil e uma perguntas sobre Benjamin.

Estava parecendo uma molambenta, um pouco suada e cabelo bagunçado. Merda, precisava me ajeitar pelo menos um pouco. Corri para o lavabo e tentei achar alguma coisa que pudesse pentear o cabelo ou um batom para camuflar minha falta de cuidado pessoal.

— Acho que assim está bom — murmurei para o meu reflexo.

— Está linda! — a voz de Benjamin me fez dar um grito pelo susto e bater as costas na parede azulejada. Coloco a mão no coração e o encaro com os olhos arregalados.

Ele falou que estou linda?

— Você até parece um agente secreto que não faz nenhum barulho

quando anda. Quer me matar?

Ele riu alto, segurou meu pulso e me puxou para sair da casa. No caminho, pegou minha bolsa e saiu pela porta da frente como se fôssemos namorados.

Sério mesmo que estava me iludindo nesse ponto, no primeiro encontro?

Andamos um pouco pelo jardim e vi seu carro esportivo brilhando ao luar. Era preto, pequeno e muito *estiloso*.

— Meu Deus, nunca vi um carro desses na minha vida. Cabe nós dois aí dentro?

— Dá pra fazer muitas coisas aqui dentro — falou perto do meu ouvido. Quando chegou perto da porta do passageiro, abriu para mim.

Isso foi uma cantada?

Com a bolsa estendida em minha direção, peguei-a, sentei no banco que parecia estar no chão e pensei, seriamente, que poderia sujar esse carrão pelo jeito que estava.



# Capítulo 5

## Ray

— Você está muito quieta. Aconteceu alguma coisa? — Benjamin perguntou depois de ficarmos muito tempo em silêncio sentados à mesa de uma pizzaria no centro da cidade.

Para minha infelicidade, ela estava lotada, todos me olhavam com curiosidade, imaginando eu ser o caso de caridade do homem bonitão e de terno que me acompanhava. Ele parecia fazer questão de me tocar sempre que podia e meu corpo traidor parecia querer se aninhar no seu.

Convenhamos, até eu olharia para mim com estranheza, uma vez que minhas roupas não eram nada adequadas para grandes movimentos sociais.

— Estou me arrependendo de não ter voltado em casa e trocado de roupa — falei olhando para os lados e tentando controlar a crise de riso que queria me dominar, por causa do meu nervosismo. — Devem estar pensando que você me encontrou no semáforo e está me alimentando por caridade.

Coloquei a mão na boca e dessa vez, o riso saiu descontrolado. Minha sorte é que minhas duas amigas que moravam na cidade não estavam aqui para presenciar minha vergonha.

— Qual a piada? — ele me chamou atenção e seu olhar era sério.

Meu Deus, eu ri mais ainda da sua confusão.

— É só que... — Continuei rindo e não consegui explicar que eu tinha um caso grave de ansiedade. Ou loucura, o que melhor convir para o ouvinte.

Ele levantou a mão, chamou o garçom e pediu uma água para mim. Quando o rapaz me observou, meu riso aumentou mais ainda e dessa vez, lágrimas escorriam dos meus olhos.

Eu poderia passar menos vergonha nessa vida, destino?

— Estou ficando preocupado... — ele falou baixo e a água apareceu na minha mesa.

Tomei um grande gole, respirei fundo e respondi com um enorme sorriso:

— Eu tenho problema...

— Isso eu já percebi — ele respondeu controlando o riso.

— Fico nervosa e... — Tomei mais um gole de água, porque a vontade de rir voltou novamente. — Não me faça explicar detalhes, senão não paro de rir

hoje.

— O que te deixa nervosa? — Ele fechou a mão, apoiou o cotovelo na mesa e o queixo no punho para me observar mais atentamente. Seu sorriso agora era divertido.

— Um homem tão rico e elegante andar com alguém como eu.

— Alguém como você? — Franziu a testa e perdeu o sorriso. — Explique.

— Olhe minhas roupas... — Abri meus braços e tentei explicar o que não precisava de explicação.

— E daí? Alguém paga suas contas?

— Não, mas hoje você, sim. — Voltei a rir. — Parece até cena de livro.

Nossa pizza chegou, peguei dois pedaços de uma vez e comecei a devorar. Estava com muita fome e não tinha nenhum problema em mostrar minha verdadeira face e paixão por essa comida em especial.

— Está com fome?

— Muita — respondi quando o garçom se foi e coloquei um grande pedaço na boca, fechando os olhos e gemendo em apreciação.

— Eu também, pode deixar um pouco? — ele falou em tom de brincadeira, mas parecia incomodado com algo.

Fiz bico e o observei comer. Ele gostava de fazer gracinhas? Hum, bom saber.

— Já são quase meia-noite e a última comida que tive foi um pedaço de bolo às 16 horas.

— Você falou que estava com fome, eu entendi — ele continuou com tom de brincadeira e comeu sua fatia.

— E qual o problema de comer? Eu gosto de pizza, poxa vida — retruquei sem nem saber o motivo. Odiava quando falavam sobre minha fome, principalmente quando reclamavam que eu não engordava.

Caramba, dava para elogiar que não engordava ao invés de parecer que vocês queriam que eu engordasse?

— Você é formada? — perguntou, mudando completamente de assunto e me deixando um pouco atordoada. Precisei comer mais duas fatias de pizza, tomar um pouco de refrigerante antes de responder:

— Sim, em jornalismo.

— Trabalha na área?

— Desempregada. Na verdade, não acho nada que me agrade no mercado de trabalho. Eu amo escrever, mas... — Dei de ombros.

— E gosta de ler — afirmou e acenei em concordância, continuando a comer a pizza e olhando qual o próximo pedaço que pegaria. — Achou algo interessante na coleção da família?

— Você tem a primeira edição da série Vaga-Lume, lançada em 1973! Tem noção da relíquia que existe lá?

Ele fez pouco caso, mas continuou comendo e me observando atentamente.

— Nunca fui de ler, o mais intelectual dos irmãos era o caçula.

— Arthur — falei e fiz uma careta para seu levantar de sobrancelhas. — Eu te *stalkeei*, assumo. Minha avó despertou meu lado curioso falando sobre quando vocês se mudaram e desde então nunca mais voltaram.

Parecia até coisa de cinema, havia uma nuvem negra no seu olhar e então, ele piscou e balançou a cabeça, afastando o que quer estivesse o perturbando.

— Mas voltei.

— E que bons ventos o trazem aqui? — tentei brincar e novamente ele ficou sério e introspectivo. — Tudo bem, vamos voltar a falar de mim. Também faço voluntariado no hospital do câncer.

— Sério?

Ele cortou o pedaço de pizza para mim sem eu precisar pedir e sorri apaixonada para ele. Toda mulher merecia um homem que te pagasse uma pizza e te servisse.

— Sim, é uma das minhas paixões, apesar de não conseguir levar isso como profissão.

— E você mora com sua avó.

— Sim... é uma longa história, mas que termina comigo não querendo servir de peso para os meus pais que hoje têm cada um sua própria família. Eu sou a cola que os une, mas não uma colorida e feliz.

Ele tomou um gole de seu refrigerante e parecia confuso.

— Você é feliz, Ray? — ele perguntou como se fosse algo tão corriqueiro, que me impactei e deixei meus ombros caírem em derrota.

Eu era feliz?



# Capítulo 6

## Ray

— Desde quando a conversa se tornou tão profunda, senhor *fechadão*? — perguntei em tom de brincadeira, mas dentro de mim um rebuliço se formou.

Meu Deus, eu era feliz?

Havia muitas coisas em mim e com minha rotina, que eu não estava de acordo, mas então, dizer que não era feliz por causa disso era menosprezar o carinho dos meus pais e avó. Só que, dizer que eu era feliz assim, era assumir que eu gostava de ser à toa e não, definitivamente eu não gostava.

— Desde quando você se assustou pela primeira vez, Rayanne, que prefere ser chamada de Ray — falou sério e dessa vez, deixou a comida de lado e me observou como um gavião.

Ajeitei-me na cadeira e suspirei, incomodada com toda sua atenção e constatação que o chamei de senhor.

— Ben... — Levantei uma sobrancelha e ele virou a cabeça de lado. — Posso te chamar assim e você para de fazer essa gracinha?

— Continue... — Ele sorriu e voltou a cabeça à posição ereta.

— Então, Ben, não sei te responder se sou feliz ou não. Nunca parei para pensar sobre isso.

— Faça. Quando você tiver a oportunidade de realmente descobrir se é feliz ou não, descubra e faça algo que te deixe completa.

— Por que me diz isso?

— Você parece ser uma ótima mulher, além de atraente, eu deveria aproveitar a oportunidade e apenas falar de tudo o que tira meu sono, mas só não consigo... — Ele coloca as mãos no rosto e apoia os cotovelos na mesa. — A única coisa que sei é que preciso unir minha família e não sei como.

Uau, será que meu cérebro congelou ou virou apenas pó com essa confissão? Claro, ele me via como amiga, nunca que ele diria atraente de uma forma sexual. Convenhamos, a mulher que estava na mesa ao nosso lado, que percebi agora parecia babar no meu acompanhante, era muito mais atraente do que eu.

Uma coisa que aprendi com a vida é que eu tinha muitos atributos para ser amiga, mas quase nenhum para ser namorada.

— Quer uma ajuda? — perguntei e ele suspirou e voltou a me encarar.

— Vamos dividir o último pedaço? — ele perguntou e eu apenas acenei em concordância.

— Você poderia fingir uma doença — falei, mesmo que ele não tivesse concordado com minha pergunta.

— O que disse?

— Você não quer reunir sua família? Então, diga que está com uma doença grave, normalmente as pessoas se sensibilizam quanto a isso.

— Você não conhece meus irmãos... — resmungou e praticamente engoliu a última fatia de pizza no seu prato.

— Carlos Eduardo é o que mais se expõe nas redes sociais, então, sua aparência vale muito. Algo que chame atenção para ele o atrairia. Arthur trabalha com sustentabilidade, reciclagem de água é algo que seria muito bem-vindo para o hospital que ajudo, porque lá sempre há muito gasto. Ele parece ser bem mais *fechadão* que você.

Ele me olhou desconfiado e isso me incomodou.

— Você é alguma jornalista querendo uma história extra para seu currículo? Eu juro, se algo do que você viu dentro de casa for exposto...

Puta que pariu, ele achou que estava investigando a família para um furo jornalístico?

Coloquei as mãos em cima da mesa, as lágrimas ameaçando em cair por ele ter me visto como uma filha da puta. Eu era muito certinha, minha família tinha boa índole, eu não conseguia aceitar esse tipo de julgamento sem retrucar.

— Benjamin, sei que as poucas horas que estivemos juntos não foi possível provar minha boa intenção em estar com você aqui. Não sou caçadora de dotes, muito menos quero um furo jornalístico. Se você me tivesse perguntado, eu diria que gosto de escrever romances, poesias e até crônicas. Talvez, o que me falta para ser uma boa jornalista é esse senso de informação a todo custo e não, eu não tenho. A pessoa em questão e seus sentimentos sempre virão em primeiro lugar.

— Você parece saber da vida da minha família mais do que eu! — ele sibilou, parecia nervoso.

— Digite no Google seu nome e de seus irmãos, então saberá o mesmo que eu. Nunca escondi que fiz a pesquisa, também não escondi que essa informação eu guardarei apenas para mim. Dona Judite confia na minha avó, que confia em mim e isso, papel ou dinheiro nenhum vai mudar quem sou.

Levantei da cadeira e coloquei a bolsa no ombro.

— Onde você pensa que vai?

— Desconte do meu pagamento minha parte na pizza, o resto eu vejo para receber outro dia com Judite.

— Você não vai embora a pé! — Ele se levantou também e começamos a chamar atenção.

— Apesar de morrer de medo de andar sozinha e ser assaltada, prefiro isso que ser fantasiada pelo monstro que nunca pensei em ser. Sucesso com sua família.

Ele tentou segurar meu pulso, mas fui mais rápida e saí da pizzaria com pressa, porque as lágrimas já escorriam no meu rosto.

Por que ele achou que eu só queria isso dele? Eu nem queria comer pizza com ele! Deveria ter ficado com minha avó, eu não sirvo para essas coisas.

— Ray, espere! — Escutei, ao longe, Ben se aproximar de mim correndo e acabei apertando meu passo para fugir.

Ele vai se desculpar, vai me ver chorando e olhar com pena. Voltaríamos a conversar, naquele *climão* de sempre quando um faz burrada, o outro se desculpa e nenhum dos dois se perdoa de verdade. Até que um deles consegue se afastar e os dois seguem a vida.

Eu já vivi isso antes, não preciso de um *repeteco*.

— Quer parar de fugir de mim? — ele falou bravo e conseguiu segurar meu pulso, me fazendo recuar e bater contra seu corpo. — Não tive a intenção de te ofender, você precisa entender o meu lado também...

— Tudo bem, só me deixe ir... — resmunguei e tentei disfarçar minha voz chorosa.

Tentei sair do seu aperto, ele envolveu os braços ao meu redor e escondi meu rosto no seu pescoço. Tudo o que queria era me afastar e fingir que nada aconteceu, mas parecia que ele mudou novamente o cenário, me deixando à sua mercê.

Ele tinha o controle e estava difícil ceder a ele.



# Capítulo 7

## Ray

— Olha pra mim — ele pediu e inspirei fundo, sentindo seu cheiro almíscar me inebriar e ceder às suas vontades.

*Só dessa vez*, falei para mim mesma, para meu lado mulher forte, independente, determinada, soberana...

Levantei a cabeça, meus braços ao meu lado presos enquanto ele me mantinha cativa.

— Me desculpa? — perguntou olhando para os meus lábios. — Posso te beijar, Rayanne, que gosta de ser chamada de Ray?

*Oi?*

— Beijar? — perguntei de forma retórica e observei seus lábios encontrarem os meus com suavidade e contenção.

Quanto tempo eu não beijava alguém? Prefiro nem comentar o assunto...

Envolvi os braços em sua cintura e o aperto para me prender afrouxou, e agora, era um abraço cheio de carinho e desejo. Abri a boca para receber sua língua e tudo o que sempre sonhei em um homem aconteceu. Ele me segurou, me levantou para que o encaixe ficasse melhor e aprofundou o beijo com gosto de pizza.

O melhor!

Consegui tirar meus braços de sua cintura e envolver no seu pescoço, a louca aqui quase envolveu sua cintura com a perna e isso foi apenas o primeiro alerta para o quanto de insana eu estava me tornando só por causa de um beijo.

Talvez essa fosse sua forma de me pedir desculpas e eu não deveria estar fantasiando tanto assim. E outra, não faria sexo com alguém que mal conhecia, mesmo que sua pegada fosse a melhor de todos os tempos.

Meu Deus, ele tinha dez anos a mais que eu, meu pai ia me matar!

Tentei afastar minha boca e interromper o beijo, mas ele cravou os dentes no meu lábio inferior e tudo o que pude fazer foi gemer. Céu, eu estava na nele.

— Me desculpe, Ray.

— Se em algum momento eu não tivesse intenção de te desculpar, com esse beijo você com certeza conseguiu. — Comecei a rir e ele me colocou no

chão, passando as mãos nos meus ombros e braços.

— Está nervosa?

— Muito — respondi divertida. — Estou muito confusa, só me leve para casa antes que eu tenha outro ataque de riso e chame mais atenção.

Ele segurou minha mão, trouxe meu corpo para o seu lado e envolveu seu braço nos meus ombros. Merda, nós iríamos andar como namorados?

Passamos pela frente da pizzaria, seguimos para o estacionamento e quando achei que ele iria abrir a porta e deixar sentar, ele destravou o carro apenas para me imprensar contra a lataria.

— O que você está fazendo? — perguntei assustada, seu corpo se encaixava perfeitamente contra o meu e com as pernas um pouco flexionadas, ele separou as minhas, deixando minha parte íntima muito bem atendida por sua coxa.

Uau, era isso que as personagens dos meus livros sentiam quando o mocinho jogava na parede e as chamavam de lagartixa? As autoras não descreviam nem metade do que realmente eu estava sentindo agora... ou era apenas eu a exagerada.

— Queria beijar sua boca desde o primeiro gemido que você deu comendo aquela pizza. É assim que você faz quando está entre quatro paredes? — falou de forma sensual e meu corpo inteiro travou, meus olhos se fecharam e tudo o que não queria era ser tão retraída quando o assunto era sexo. — O que foi?

— Desculpa, eu só...

Ele ia me soltar, mas eu envolvi meus braços no seu pescoço novamente e o trouxe para mim com força.

— Está tudo bem, Ray?

— Está bem, está tudo muito bem. Só me beija, Ben...

E ele fez, com seus lábios, sua língua e todo o seu corpo contra o meu. Deslizando pelas laterais do meu corpo, sua mão explorou com cuidado e apenas atiçou meu ventre quando chegava perto dos meus seios e então, perto da minha bunda. Ele era experiente, sedutor e um estranho.

Seria um recorde?

Ele se afastou, uniu nossas testas e me fez suspirar em contentamento e excitação. Precisei controlar meu quadril de não querer se esfregar nessa coxa estrategicamente colocada entre minhas pernas.

— Podemos nos ver amanhã? — ele pediu e dessa vez, abriu a porta

ao nosso lado e me ajudou a entrar.

Como assim ele queria me ver amanhã?

— Mas eu já terminei meu serviço — falei indignada e assustada.

Ele queria me ver amanhã!

Ele sentou no seu banco, ligou o carro e o ronco do motor me fez sentir frio na barriga, porque a última vez que ele falou sobre o interior do carro, agora, sabendo como eram seus beijos, eu estava imaginado mil e uma coisas sacanas.

— É verdade, eu preciso te pagar, mas não tenho o valor em espécie aqui. Você pode aparecer amanhã? — ele perguntou e me olhou de forma cínica.

— Você nunca pretendia me pagar depois da pizza? — perguntei nervosa enquanto ele dirigia.

— Minha intenção era te conhecer, tentar encontrar uma brecha...

— Pra quê?

— Olha aí o que estou falando. Você não dá brecha, estou soltando indireta atrás indireta do meu interesse e parece que estava sendo em vão.

— Mas você me conhece por quanto tempo... algumas horas?

— Ah, querida, já levei mulheres para a cama em menos tempo — zombou e eu cruzei meus braços à minha frente, indignada. — Me desculpe, isso soou pior do que eu imaginei que soaria.

— Vamos parar de conversar por aqui, Benjamin. Eu não sou igual essas mulheres que você já teve.

— Percebi isso desde o momento que você me largou para continuar seu trabalho.

— E você esperava que eu fizesse o quê? — Inclinei um pouco na sua direção, ele parou o carro no sinaleiro e roubou um beijo do bico que eu estava fazendo.

— Prefiro me abster de falar sobre isso, por conta da afirmação que fiz anteriormente e que saiu muito mal colocada.

— Você é louco.

— E você é muito normal — respondeu divertido e bati no seu ombro com indignação. — E muito brava. Caramba...

— Só não... — Joguei meus braços para o ar e me ajeitei no banco. Estava perdida, inclusive, nas minhas palavras para dizer o quanto isso estava sendo surreal para mim.

— Você virá em casa amanhã? — pediu com um olhar de cachorro perdido. — Eu preciso da sua ajuda.

— Eu vou ver, não sei — respondi sem muita firmeza, estava com medo de parecer muito oferecida e minha avó achar o mesmo. — Vai estar o dia inteiro na casa?

— Provavelmente devo sair em algum momento para verificar alguns papéis no cartório, mas não devo demorar. Judite estará lá, eu liberarei o acesso para você na casa.

— E sobre eu querer fazer uma reportagem bombástica sobre a sua família? — perguntei ressentida quando ele parou na frente da casa da minha avó.

— Você fará? — Ele se virou para mim e segurou meu queixo, seu olhar segurando firme o meu. — Você quer, de alguma forma, obter vantagem sobre mim?

— Não! — respondi com cenho franzido, pronta para falar mais uns cinco minutos sobre minha índole, quando seus lábios encontraram os meus e como eu parecia muito bem em sincronia com ele, abri minha boca e devorei a sua, com fome, uma punição para sua dúvida sobre mim.

Dessa vez sua mão desceu até meu seio e apertou, me fazendo recuar e inspirar com profundidade. Não era momento para estarmos na segunda base.

— Agora que estamos esclarecidos sobre esse assunto, me dê o número do seu celular.

Ele tirou seu aparelho do bolso, eu falei meu número e ele ligou para mim, para que pudesse registrar seu número também.

— E você vai confiar na minha palavra? — perguntei, minha mão estava na maçaneta.

— Eu vou confiar na sua palavra, como há muito tempo não faço na minha vida, Ray. Boa noite.

— Boa noite...

Saí do carro um pouco impactada com sua afirmação. Bem, pelo menos poderíamos tirar isso do nosso caminho e seguir a vida normalmente.

Quando entrei em casa e dei de cara com vovó sentada no sofá me esperando, a chuva de perguntas me rodeando, eu sabia que minha vida nunca mais seria normal. Não que um dia ela já houvesse ido.



# Capítulo 8

## Ray

— Ray, está acordada? — minha avó me chamou da porta e ainda deitada na cama, fingindo dormir, virei de costas e cobri a cabeça.

— Dormindo, vovó... — resmunguei, porque minha cabeça explodia de criatividade e dor.

Meus sonhos foram regados a um homem de terno, olhar intenso e beijos excitantes. Estou toda incomodada, querendo vê-lo para mais uma sessão de amassos e quem sabe, uma segunda base?

Eu estava pensando em sexo e só conhecia o cara há menos de um dia. Aliás, ele era dez anos mais velho que eu. Quando eu tiver 40 anos, ele teria 50!

Eu precisava continuar dormindo, porque até em casamento estava pensando.

— Então acorde, minha filha, são mais de dez horas e tem uma encomenda pra você na cozinha.

— Encomenda? Eu não comprei nada... — Tirei a coberta da cabeça e olhei para a minha avó, com a cara amassada. — O que é?

— Vá lavar esse rosto, trocar de roupa e descubra sozinha.

E assim minha avó me deixou com o bichinho da curiosidade para me acordar. Claro que levantei com pressa, nem tomei banho, apenas troquei de roupa, lavei o rosto e prendi o cabelo da pior forma possível.

Bocejando, mas disposta, chego na cozinha e me deparo com um enorme buquê de flores colorido. Não eram rosas vermelhas sedutoras, mas vários tipos de rosas que arrancaram um enorme sorriso dos meus lábios.

Será que era dele?

— Aqui o cartão... — Minha avó estendeu um envelope e abri rapidamente para saber o que havia dentro.

*“Rayanne, que prefere ser chamada de Ray.*

*Estou te esperando às 14hs na minha casa. Preciso de você para ser parte do meu plano.*

*Ben.”*

Coloquei o papel no meu peito e suspirei com os olhos fechados.

— Minha filha, não vá ter seu coração quebrado com esses grã-finos que gostam de se divertir com meninas ingênuas como você.

E minha avó conseguiu derrubar um balde de água fria na minha alegria. A dor de cabeça voltou com tudo e meus olhos se abriram com ressentimento.

— Eu não sou ingênua, vó...

— Você entendeu o que quis dizer, minha filha — ela falou de forma conciliadora e veio me abraçar. — Você nunca namorou, nunca teve um namorico, só fala de livros e dos mocinhos que neles vivem.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra, vó. Eu sei me cuidar — falei ainda ressentida e me afastei. — Posso colocar as flores no meu quarto?

— Faça o que quiser com elas, minha filha, mas proteja seu coração. Ele tem 10 anos a mais de experiência que você, além de muito dinheiro. Estou velha, mas ainda posso causar um assassinato se ele te fizer sofrer.

E lá vem a dona Maria falar sobre isso. Ontem, quando cheguei em casa, ela não parava de dizer sobre assassinato, ele ser mais velho e eu sair ferida. Isso era muito história de livro para o meu gosto.

— Como a senhora mesmo disse, nunca namorei, nunca me permiti estar com alguém. Duvido que ele queira algo comigo além da amizade e minhas habilidades de *stalkear*.

— Quem não quer ter algo com você, minha filha? — Ela vai até uma parte da cozinha, retira um jarro grande e enche de água, provavelmente para eu colocar o buquê.

— Não vou citar a lista de garotos pelos quais me apaixonei e não foi recíproco, vovó.

— Exatamente, minha filha. Garotos. Você não está lidando com alguém que irá passar na sua vida e lhe trará algumas lágrimas de amor não correspondido. Homens feitos podem congelar seu coração.

Coloquei o buquê dentro do jarro, abracei-o com o cartão na mão e fiz bico.

— Como vovô fez com você?

— Seu avô foi apenas um deles, minha filha.

Virei as costas e lembrei da história que assombrava a família. Vovô manteve uma segunda família por muito tempo até que todos soubessem da sua existência, quando ele adoeceu e a segunda mulher veio pedir dinheiro, porque estava passando fome.

Não sei com que força minha avó cuidou do meu avô até sua morte, dividiu a herança e vive bem hoje. Esse é o tipo de situação que eu penso em

assassinato, porque traição de uma vez dói, de anos...

Coloquei o buquê na minha mesa de cabeceira, arrumo a cama e deito, relendo o cartão mil e uma vezes.

Ah, Ben... podemos ser apenas amigos, mas na minha mente, eu com certeza estava nos unindo em matrimônio. Apaixonada? Claro que estava, ele me beijou, falou que confiaria na minha palavra... eu não poderia desapontá-lo.

Pego meu celular e envio uma mensagem para minhas amigas. Joaninhas Literárias se formou de uma brincadeira em um grupo do Facebook. Duas delas moram na minha cidade, apesar de nos vermos menos de uma vez por mês. Letícia vivia enfurnada em seu escritório de contabilidade, a louca dos números, nós a chamávamos. Paula viajava muito por conta dos treinamentos que dava por ser Coach. Adorava acompanhar sua carreira nas postagens que a empresa fazia nas redes sociais, porque todo mundo só tinha coisas boas para dizer dela.

Havia a Josi, Alci e a Thata, que moravam em outra cidade e tinham suas próprias carreiras e trabalhos. No final, éramos unidas por um amor em comum, os livros. Essa era o tipo da cola que nunca secava.

**Ray>> Meninas, talvez fique off por alguns dias.**

**Letícia>> Ainda limpando a biblioteca do castelo da Fera?**

Ri com seu comentário. Apesar de não ter tirado foto do lugar e não poder dar muitos detalhes sobre o que estava fazendo, comentei que estava limpando a biblioteca da Fera.

**Ray>> Conheci a Fera, mas não posso dar mais detalhes.**

**Josi>> Como assim não pode dar mais detalhes? Você some, nós apareceremos todas na sua casa e chamaremos a polícia.**

**Letícia>> Estou com a Josi.**

**Ray>> Prometo que assim que puder eu conto. Eu prometi que manteria sigilo.**

**Alci>> Bom dia, meninas, cheguei agora e me deparo com Fera, segredos, biblioteca. O que perdi? Nossa mascote não era a mais santa de todas?**

**Letícia>> Pois é, Alci, e ainda por cima não quer contar para as amigas. Desembucha, Rayanne!**

Revirei meus olhos, minhas amigas exageradas como sempre.

**Ray>> Estou bem, vovó já me passou sermão, vocês não precisam também. Letícia, me passa o link daquele livro novamente, vou buscar meu**

**pagamento e já vou comprar.**

Bloqueei meu celular, coloquei do lado das flores e suspirei, me ajeitando na cama. Uma garota como eu poderia sonhar...



# Capítulo 9

## Ray

Apertei a campainha da mansão e dona Judite me recepcionou pelo interfone.

— *Entre, Ray, e me espere na sala de estar.*

Bem, eu não iria para nenhum outro lugar que não fosse esse. Meu trabalho na biblioteca acabou, eu não conhecia nenhum outro cômodo, então, se não fosse ficar do lado de fora, ficaria na sala.

Essas casas imensas pareciam vir com um protocolo de comportamento, eu só não sabia como usá-lo.

De short jeans, uma blusa folgada e cabelos molhados em trança, andei até a entrada e abri a pesada porta de madeira.

— Você fez um excelente trabalho, menina. Senhor Valentini está muito feliz com o resultado final da biblioteca. — Ela me abraçou e beijou meu rosto em um cumprimento. — Vamos para a piscina?

— Piscina? — perguntei confusa, mas comecei a segui-la quando seguiu para um lado da casa que nem sabia que existia.

— Senhor Valentini está em uma ligação e pediu para que me desculpasse por ele e que se acomodasse por aqui.

Passei pela cozinha gigantesca e bem equipada, então para o lado de fora, no fundo da casa e deparei com uma piscina enorme, cadeiras e bancos adornando e dando um ar elegante ao local.

Paramos em frente a uma mesa cheia de doces e salgados, fazendo com que minha boca salivasse. Eu tinha almoçado há pouco menos de uma hora, não deveria estar desse jeito.

— Fique à vontade e se precisar de mais alguma coisa é só me chamar.

— Dona Judite, estou um pouco sem graça de a senhora me tratar assim. Eu ajudei a limpar a casa — falei sem graça e me sentei, com ela servindo suco em uma taça para mim.

— Ontem você era empregada, hoje é visita. — Ela sorria que não se cabia. — Trabalho para os Valentini desde que aqueles meninos usavam fralda e nada me deixa mais feliz em saber que terei todos de volta aqui.

Ela se dá conta que falou demais, perdeu um pouco do brilho do sorriso e apertou minha bochecha com carinho.

— Você é uma boa menina.

— O-obrigada? — gaguejei e a vi se afastar.

Que papo estranho foi esse?

Coloquei minha bolsa na cadeira ao lado, bebi um pouco de suco e comecei a me servir do bolo e pão de queijo. Melhor que isso só os que minha avó fazia, que vinha com um tempero especial que ninguém substituía: o amor incondicional.

Comi um pedaço, dois... quando cheguei na metade dos itens que estavam à mesa, fiquei envergonhada de estar praticamente sugando tudo e peguei meu celular, para tentar me distrair.

Oba, Letícia mandou o link da compra dos livros que eu quero.

Entro no site, finalizo a compra e gero o boleto bem na hora que uma sombra aparece ao meu lado. Levanto a cabeça e dou de cara com Benjamin em trajes formais, como ontem, mas a cor de sua gravata era diferente, num azul claro da cor da água da piscina.

Ficamos um bom tempo nos olhando, eu não sabia como deveria proceder, com um beijo na bochecha ou na boca? Meu Deus, eu tinha ficado com esse homem ontem, estávamos na nuvens como um casal e hoje parecia... E se ele só me chamou aqui para pagar minha prestação de serviço?

Como não me levantei e ele parecia cada vez mais divertido com minha falta de ação, inclinou o corpo para frente e beijou o canto da minha boca, uma carícia e provocação que fizeram meu corpo inteiro se arrepiar. Depois beijou minha testa e puxou a cadeira para ficar na minha frente, sua mão pegou a minha e apertou, com a intenção de me acordar.

Pisquei algumas vezes até respirar fundo e fazer uma careta.

— Eu comi quase metade das coisas que dona Judite fez. Me desculpe.

Ele chacoalhou os ombros e riu, trouxe minha mão para a boca e beijou.

— Eu demorei. Estava lidando com alguns assuntos da empresa, é a primeira vez que tiro férias desde que assumi a posição de CEO.

— Uau, isso existe mesmo na vida real? — perguntei e senti meu rosto ficar quente, porque seu olhar para mim era de curiosidade e sedução.

— Sim, existe nos livros e na vida real. Mas fique à vontade para comer o que quiser, eu sei que você tem uma fome diferenciada.

Mostrei a língua para ele, soltei minha mão e cruzei os braços.

— Estou satisfeita, obrigada. Você precisa de mim para o quê?

Também queria saber quando você vai me pagar, para provisionar algumas contas...

— Ainda não estou com seu dinheiro em mãos, mas posso resolver esse problema de pagamento de contas. É boleto?

Franzi a testa, tentando decifrar qual era a dele para não me pagar em espécie.

— Eu prefiro receber primeiro. Se não tiver o dinheiro agora, eu volto amanhã... — Levanto da cadeira e ele segura nos meus braços e me puxa para sentar novamente.

— Se eu te pagar, você viria amanhã aqui?

— Para quê?

— Me ver — respondeu com confiança e senti meu ventre se contrair com isso.

Eu também queria vê-lo, mas estava confusa.

— Eu...

Ele puxou a cadeira para que ficasse entre suas pernas, segurou meu rosto com suas mãos e me beijou com cuidado. Seus lábios estavam frios e quando ele abriu a boca, entendi o motivo, o gosto amargo e afrodisíaco do uísque me fez gemer e me envergonhar por isso.

Afastei-me, coloquei as mãos no rosto e tentei me proteger.

Suas mãos subiam e desciam nos meus braços em uma carícia sem tamanho, meu corpo não deixou de se arrepiar em nenhum segundo.

— O que foi, Ray? — perguntou num sussurro.

E então, meu riso saiu com força, na mesma intensidade que meu nervosismo. Céus, eu era um poço de loucura. Tirei as mãos do rosto e coloquei na boca, tentando controlar o riso, mas sem sucesso.

Seu olhar ressentido e ofendido me fez querer me bater. Puta merda, ele estava achando que ria dele? Maldita hora que minha crise nervosa apareceu, eu precisava me tratar, urgente!



# Capítulo 10

## Ray

Ele afastou sua cadeira, se levantou e eu surtei!

— Espera, Ben! — Levantei também e tropecei na cadeira, quase indo ao chão e me fazendo rir mais ainda.

Que raiva, eu precisava parar de rir!

— Judite irá fazer o seu acerto — ele falou sem olhar para mim, ao lado da piscina, seguindo em direção ao jardim.

— Você não entendeu Ben! — gritei, corri e peguei no seu braço. Ele tentou se afastar, eu perdi o equilíbrio e ia para dentro da piscina, sozinha, se não fosse ele tentar me segurar.

Foi um desastre, nós dois caímos na piscina e o riso se transformou em desespero, porque acabei engolindo água e meu pulmão começou a queimar.

Mãos fortes me levantaram e colocaram meu tronco para fora. Tossi como se fosse jogar meu pulmão para fora. Lágrimas escorreram pelos meus olhos e quando sua mão tocou minhas costas, as lágrimas se tornaram de arrependimento.

Eu não valia a pena o sacrifício, não servia para ter um relacionamento com um homem feito, como vovó disse, mas precisava me desculpar.

— Desculpa, Ben — falei chorosa, virei o rosto para o lado e encontrei o homem de terno e gravata totalmente encharcado. — Eu rio quando estou nervosa, quando estou desesperada ou quando alguma emoção forte me toma de surpresa. Não estava rindo de você, porque seu beijo é o melhor que já tive na vida. Estava rindo de mim, que fiz aquele barulho...

— Gemeu — falou por mim.

Ele me tirou do apoio da piscina e me trouxe para os seus braços em um abraço reconfortante. Sem pudor, minhas pernas envolveram sua cintura e ele nos abaixou na água para que apenas nossas cabeças ficassem expostas.

— Não há vergonha em expor o que você sente. — Ele alisou meu cabelo. — Você parece tão inocente, Ray...

Oh, céus, meu título de virgem ao vinte e cinco anos estava exposto na minha testa, ele finalmente iria me deixar ir e tudo isso não passaria de um caso de verão.

Ele me colocou contra a parede da piscina, buscou meus lábios e me beijou com todo o poder de Benjamin Valentini. Senti um volume entre minhas

pernas e não sabia se deveria parar agora antes que nós pulássemos para a segunda base ou apenas aproveitava o momento.

Nós nos conhecíamos por menos de um dia.

Ofeguei em busca de ar quando ele continuou devorando meus lábios, sua língua duelando com a minha e o sabor de uísque me deixando louca. Quando sua mão encontrou meu peito e apertou, meu corpo retesou, inseguro quanto ao toque não tão conhecido.

— Você não gosta disso? — Ele afastou sua boca da minha, uniu nossas testas e apertou meu seio coberto pela roupa mais uma vez.

— É... eu... — Minha mão queria impedi-lo, mas um lado mais aventureiro dentro de mim conseguiu freá-la.

— Prometo ir devagar, prometo te respeitar e acima de tudo, prometo sempre te fazer gozar.

Ele esfregou seu quadril no meu e então, me colocou sentada na borda da piscina, se afastou e me deu as costas, as mãos passavam pelo seu cabelo em um sinal claro de seu nervosismo.

O que acabou de acontecer?

— Me desculpa! — falei alto e envolvi minhas pernas com meus braços. Ele se virou para mim com a testa franzida. — Eu não estava rindo de você. Eu lido com o desconhecido dessa forma, primeiro rio, depois choro...

— Não precisa se desculpar, eu entendi agora.

Ele virou de costas para mim novamente e tive medo que ele falou isso só para me agradar.

— Por que está longe? — perguntei, mesmo com medo da resposta.

Ele se afastou um pouco mais antes de virar para mim e responder:

— Minha vontade é de arrancar nossas roupas e fazer uma loucura, sem importar que há câmeras de segurança ou funcionários andando pela propriedade. Eu preciso apenas respirar, pensar em coisas nojentas e me acalmar... — Ele olhou para baixo e depois para mim, com um sorriso sem graça. — Se é que você me entende.

Não, eu não entendia...

PUTA MERDA, agora entendi. Ele querer tirar minhas roupas, estava excitado...

Levantei, corri para a mesa de quitutes e tomei o resto do suco que estava no meu corpo. Eu não estava pronta para transar com ninguém, eu não poderia ficar mais aqui, tinha que fugir.

Meu celular em cima da mesa apitou e o nome da Letícia brilhou com uma mensagem.

Merda, meu boleto, eu precisava de dinheiro.

Escutei barulho de água, roupa molhada e o vi se aproximar ao mesmo tempo em que removia peça por peça do seu terno, com dificuldade.

— Eu te ajudo. — Corri até ele e ajudei a tirar a jaqueta, depois a gravata e então, quando ele iria tirar a camisa, eu só pude olhar.

Duro, definido e queria arrancar minhas roupas para me ter em seus braços. Estava hipnotizada pelo seu abdome e precisou que ele estralasse os dedos no meu rosto para voltar à realidade.

— Está tudo bem? — perguntou com um sorriso convencido nos lábios.

— Durinho, hein? — tentei brincar, passei a mão no seu peito, depois na barriga e me afastei para colocar mais suco no meu copo.

— Sim, muito duro... — ele falou perto do meu ouvido, sentou na cadeira ao meu lado e me trouxe para o seu colo, me fazendo sentir tudo o que ele tinha de duro.

Minha nossa, eu precisava de ajuda.

— É... Ben... eu... — Olhei para o meu celular e lembrei de um assunto importante. — Tem como me passar apenas um pouco do meu pagamento? Eu realmente preciso pagar umas contas.

— Posso fazer isso por você? — Ele me ajeitou no seu colo, me fez sentir todo o seu tanquinho e ainda por cima pegou um pão de queijo, colocou na boca e mastigou como se fosse a coisa mais erótica que já vi.

Eu estava fantasiando com ele mastigando um pão de queijo?

— Estamos no século XXI, mulheres pagam suas próprias contas e não precisam dizer para seus maridos.

Ele engasgou, eu saí do seu colo e bati a mão na minha testa. Isso é coisa que se falava? Além de estranha, vai me achar oferecida. Era hora de ir embora o quanto antes.



# Capítulo 11

## Ray

— Esquece o que eu disse, eu vou ver o pagamento com a Judite...

— Termine de comer e de falar, eu só... — Ele me puxou para o seu colo novamente e me abraçou pela cintura, beijando meu ombro. — Eu te pago, mas você precisa voltar aqui amanhã.

— Para fazer o quê? Eu já terminei a biblioteca.

— E se eu precisasse de ajuda para ampliar? Você gosta de ler, sabe os livros que estão na moda. Esse será um atrativo para chamar meus irmãos de volta a essa casa.

— Ah, sim, a reunião de família. Você precisa de ajuda nisso também, porque eu conheço mais seus irmãos do que você mesmo — brinquei e vi uma nuvem de tristeza passar pelos seus olhos.

— Sim, eu preciso que todos estejam unidos, mesmo que esse lugar não me deixe dormir tranquilo.

Oh, Deus, imagine o quanto deve ser sofrido para ele, ainda mais sendo velho o suficiente para entender que o pai matou o amante e depois se matou.

Abracei seu pescoço e inspirei o cheiro do seu cabelo. Ele fez o mesmo, mas sua cabeça estava perto do meu pescoço, o que trouxe arrepios.

— Você é tão sensível... — sussurrou e beijou a pele exposta do meu colo, acima dos meus seios.

— Eu tenho cosquinhas, eu rio à toa e normalmente falo algumas coisas sem pensar. Tem certeza que precisa da minha ajuda? Eu posso atrapalhar sua vida como nunca imaginou — brinquei, tentando mudar um pouco o clima sério e sensual que ficou.

Eu ainda não estava pronta.

— Tenho certeza que quero você, Ray!

Ele segurou meu rosto com uma mão trouxe meus lábios até os dele e deu um beijo casto.

Um beijo sedutor, cheio de línguas e pegada era intenso, mas um beijo casto e demorado... era para fazer apaixonar!

Ele se levantou, me colocou no chão e segurou minha mão, andando em direção à casa.

— Onde vamos?

— Você vai voltar pra casa com a roupa molhada? Vamos tomar um banho, Judite secará sua roupa e então...

— Tomar banho com você? — falei alto demais e antes que começasse a rir de nervoso, ele me trouxe para o seu lado e me abraçou pelo ombro.

— Não hoje, talvez outro dia, quando eu tiver sua confiança. — Beijou minha testa e entramos pingando pelo caminho.

— Ben, essa casa foi limpa ontem, estamos molhando tudo! — reclamei, me afastei e tirei meus sapatos do lado de fora.

Olhei para ele de forma severa, que ficou do meu lado enquanto eu tentava torcer minha roupa como dava. O danado abriu o botão da sua calça, removeu do corpo junto com os sapatos e meias e se exibiu quase nu para mim.

Deu alguns passos para dentro, percebeu que não molhou o chão e sorriu de modo cínico. Olhei para o seu quadril e percebi o volume debaixo da cueca boxer preta.

— Acho que você deve fazer o mesmo e não iremos molhar o chão.

Olhei-o com raiva, segui até ele e, com ousadia, segurou minha mão e andamos até as escadas. Dessa vez, a única a fazer bagunça era eu.

Entramos no quarto mais afastado à direita, imenso, parecia do tamanho da casa da vovó. Uma cama gigante com uma colcha branca, armários em madeira e detalhes em dourado. Era tudo muito rico e lindo.

— O banheiro fica logo ali, eu vou tomar banho no outro e a gente se encontra aqui.

— O que vou vestir? — perguntei encontrando o tapete do banheiro e ficando em cima dele. Céus, a Judite vai me matar pela bagunça.

— Meu roupão — ele respondeu orgulhoso, abriu o guarda-roupas, pegou o roupão pendurado na porta me jogou. Uau, que cheiro maravilhoso.

— E você? — perguntei antes que ele saísse.

— Por mim eu não vestiria nada, mas estou em casa e colocarei uma roupa qualquer. — Já ia fechando a porta do banheiro quando ele levantou o dedo. — Não tranque a porta, a fechadura está com problema.

— Não entre antes de terminar então — adverti, fechei a porta e suspirei.

Era muita emoção para apenas vinte e quatro horas com Benjamin Valentini.

Removi minha roupa, escondi a calcinha e sutiã no meio da blusa e

short e dei de cara com uma enorme banheira e uma ducha sem boxe em um lado.

Claro que minha mente viajou para os romances mais *hots* que leio... nós dois na banheira, toda aquela sensualidade e paixão. Eu estava no clima para isso? Estava surtando e com uma crise de risos na garganta.

Peguei meu celular, sentei no vaso e acionei minhas amigas.

**Ray>> Vocês transariam no primeiro encontro?**

**Letícia>> Cuspi todo o café na tela do meu computador. QUE PERGUNTA É ESSA, MULHER?**

**Alci>> Estou no grupo certo?**

**Thata>> Gente, não posso ficar um dia off que vocês já começam a falar putaria?**

**Ray>> Esqueçam, vou surtar sozinha.**

**Letícia>> Pode parar. É você que está toda misteriosa, conheceu a Fera e agora fala que irá conhecer o cabo da rosa sem nenhum aviso prévio!**

**Josi>> Jesus, Maria, José... Cabo da rosa? Sério mesmo, Letícia?**

**Paula>> Amiga, apesar de estar um pouco assustada com sua pergunta, quero dizer que você deve seguir seu coração. Tem 25 anos, solteira, vacinada e dona da sua vida. Só proteja seu coração.**

**Ray>> ...**

**Alci>> Uau.**

**Josi>> Minha boca ainda não fechou depois do que a Paula falou. Amiga, você está na profissão certa.**

**Thata>> Uhul, depois mostra a foto do boy peladão**!

**Josi>> Olha aí quem gosta de putaria...**

**Letícia>> Eu só preciso conhecer o irmão!**



# Capítulo 12

## Ray

Tomo um banho demorado, quente e me sinto com o cheiro dele. Não sei se foi o shampoo, que estou morrendo de medo de fazer mal pro meu cabelo, ou o sabonete, mas eu tinha *cheirava* a ele.

Passei um bom tempo secando os cabelos, envolvida em seu roupão macio. Depois que estavam quase secos, saí do banheiro e deparei com Ben deitado na cama apenas com um short samba canção de seda, preto. Aquele peitoral era um pecado.

Mexendo no celular, ele parecia distraído, relaxado e nem parecia aquele executivo imponente com dez anos a mais que eu. Segurei com mais firmeza a roupa e a bolsa contra o roupão que eu vestia e suspirei, chamando sua atenção.

— Vem aqui! — ele me chamou e virou de lado, indicando onde eu deveria deitar.

Eu estaria deitando na mesma cama que ele!

— Preciso levar minha roupa para...

— Porta esquerda do armário debaixo da pia do banheiro. Pode colocar tudo aí, Judite já está ciente que precisamos dessa roupa seca pra você.

Meu rosto ficou vermelho, fui até onde ele falou e observei que se tratava de um túnel.

— Uau, igual dos filmes? — Joguei a roupa e voltei para o quarto, coloquei minha bolsa em cima da cadeira e sentei em seu braço. — Essa casa é muito bonita.

— Foi planejada pelos meus pais quando Arthur nasceu. Lembro até hoje do dia que nos mudamos para cá e cada um de nós possuía um quarto e banheiro exclusivo. — Ele suspirou, colocou o celular atrás de si e bateu na cama.

Falar sobre a família era um ponto que o deixava triste, parecia fracassado. Da última vez ele desconversou então, não insistirei que diga mais nada até estar preparado.

Ele não teve uma juventude fácil.

— Vai continuar longe de mim?

— Eu estou sem roupa, debaixo desse roupão, não estou muito confortável no momento para deitar ao lado de um homem tão atraente como

você e simplesmente me render. — Abaixei a cabeça e chacoalhei meus ombros por causa do riso. Eu era uma piada.

— Gostaria de um voto de confiança — falou sério e mesmo que eu estivesse segurando o riso, ele continuou de forma profunda: — Vou te beijar, talvez expor um pouco dos seus ombros e pescoço. Não tocarei mais nenhum outro lugar.

— Não? — perguntei divertida e decepcionada. Era uma louca, que não estava preparada para abrir as pernas, mas queria que ele tentasse.

— Se eu te disser que tentarei estar com você como amantes, você deitaria aqui comigo?

— Não!

— Então, aceite que hoje será apenas beijos e intenções, nada mais que isso.

Seu olhar para mim disse tudo, ele me queria, precisava da minha confiança e mesmo eu não acreditando que era essa Coca-Cola toda, levantei, subi na sua cama e deitei de lado, de frente para ele.

Sua mão segurou minha cintura e me levou para próximo dele.

— Agora me conte sobre sua faculdade. Por que escolheu jornalismo?

— Porque gosto de ler, narrar fatos, também gosto da parte social que me trouxe a graduação.

— Ah, sim, o voluntariado... — ele lembrou e sorri agraciada, o riso tinha ido embora e outro sentimento começou a me tomar. Sua mão ainda estava na minha cintura, acariciando sobre o tecido.

— Sim, amo essa parte da minha vida. Acho que a única que tive sucesso até o momento...

— Por que se acha tão incapaz? — Sua mão agora ajeita meu cabelo atrás da orelha, ele digitalizava todo meu rosto.

— Porque eu sou... — Dei de ombros e repeti os movimentos que ele fez no meu rosto, no dele, conferindo cada sarda e marcas de expressão. — Você sempre deixa a barba assim? — Mudei de assunto, porque existia coisas sobre mim que nem mesmo eu sabia explicar.

— Normalmente eu faço, mas como estou de férias, pensei em deixar crescer. Você gosta?

— Acho legal, é meio loira, faz cócegas e... — Passei a mão pela barba e deixei meu corpo se arrepiar imaginando em outros lugares.

— E? — Ele pegou minha mão, beijou dedo a dedo, ponta e unha,

como uma carícia preliminar do momento principal.

— O que estava falando mesmo?

Ele me respondeu com um beijo. Seu corpo veio para cima do meu e minhas mãos exploraram suas costas, que também eram bem definidas. Como prometido, ele não se aventurou em nada mais do que expor meu pescoço e devorar toda a minha pele.

Eu ofegava e sua perna estava entre as minhas, o volume da sua virilha quase chegando próximo ao meu ponto de prazer.

Eu queria mais!

Ele prometeu se comportar.

Entre beijos e conversas sobre minha vida, a tarde passou que nem vi. Já sabia desenhar de olhos fechados seu abdome de tanto que olhei e admirei. Como prometido, ele não avançou o sinal, nem pediu – o que agradeci –, porque do jeito que estava pegando fogo, era capaz de me entregar pelo momento e me arrepender depois.

Não que eu esperasse o momento ideal para entregar minha virgindade, mas gostaria de escolher, pelo menos, o local onde isso iria acontecer, preparar meu psicológico e ler alguns livros de virgens.

Foi quando anoiteceu que minha roupa ficou pronta, ele vestiu uma roupa casual e me levou para casa em seu carro esportivo, que descobri ser um BMW Z4.

— Te espero amanhã, mesmo horário. — Ele pegou minha mão e beijou o dorso. Estávamos no carro em frente à casa da minha avó.

— Você vai mesmo renovar sua biblioteca?

— Tudo para te fazer sair de casa e ir me ver. — Sorriu cínico.

— Não esqueça seu objetivo principal: unir a família. Eu vou pensar em algo também. — Ele passou de alegre para chateado e não dei bola, inclinei meu corpo e beijei seus lábios com carinho. — Até amanhã.

— Até amanhã, Rayanne, que gosta de ser chamada de Ray...

Saí do carro e mostrei a língua para ele, que desceu o vidro do seu lado do carro. Já que ele continuaria com a brincadeira, eu também o faria.

— Senhor Valentini, obrigada pelas flores, suas cores alegraram meu dia.

— Como você faz com o meu.

Fiquei sem fala.

Ele piscou um olho, fechou o vidro e me esperou entrar em casa antes

de ir embora e deixar um vazio no meu peito.

Perdidamente apaixonada? Não, eu estava atropelada por esse sentimento.



# Capítulo 13

## Ray

Um buquê de flores coloridas a cada dia.

Momentos divertidos e muitos amassos na casa dos Valentini, junto a Ben.

Confidências.

Carinhos...

Depois de quinze dias estando com ele todos os dias à tarde, mesmo nos finais de semana, eu me sentia num conto de fadas. Ele era gentil, me alimentava muito bem e depois íamos para seu quarto aproveitar a tarde de forma mais relaxada.

Eu já tinha conseguido tirar minha blusa em sua frente, além de ele conhecer meu corpo de cor e salteado com suas mãos. Ele era paciente, atencioso, um verdadeiro cavalheiro.

Ele me pagou pelo serviço da biblioteca e agora, me contratou como sua consultora para assuntos aleatórios por duas horas do meu dia. Falei que esse cargo não existia, mas ele não queria desperdiçar meu tempo. E claro, apesar de ficar muito mais tempo em sua casa, eu não tinha nada a reclamar, estava fazendo o que gostava: comprava livros.

Foi comprada uma nova estante para os novos volumes. Desde contemporâneos e livros de não ficção, busquei os títulos de maior expressividade e também, aqueles que eu gostava. Confesso, estava considerando essa estante minha, por isso acabei comprando livros do meu gosto e não que homens costumavam ler.

— Está ficando lindo, Ray. — Ben se aproxima, me abraça pelas costas e observa a estante por cima do meu ombro. — Gostaria que lesse um desses para mim.

Abracei seus braços à minha frente e ri. Estava tão acostumada com seu carinho, me sentia uma adolescente apaixonada, colecionando cartões e flores secas em um caderno de recordações que eu tinha.

O nosso romance poderia não durar uma vida inteira, mas estaria eternizado no meu coração e minhas recordações.

— Os livros que eu já li ainda não chegaram — tentei desconversar, porque a verdade é que a remessa de livros que acabei de armazenar na estante eram os romances contemporâneos com pitadas *hots*.

— Por que eu sinto que você está me escondendo algo? — Ele me virou para ficar de frente para ele e beijou meus lábios com sensualidade. — Vamos fazer o seguinte: vou te levar para jantar, depois iremos tomar um sorvete e no final, você lerá um desses romances para maiores de dezoito anos para que eu durma.

— Como você sabe que são para maiores de dezoito anos? — perguntei assustada, tentando sair de seu abraço, mas ele começou a beijar meu pescoço, segurou minha bunda e me virou, me fazendo sentar em cima da mesa.

Abri minhas pernas, ele se encaixou e se sobrepôs a mim. Seu olhar era um poço de sedução e meu corpo inteiro reagiu a isso.

Estava querendo há muito tempo me entregar a ele. Minhas amigas, inclusive, queriam me bater por não ter feito isso até agora, ainda mais quando eu contava o quão atencioso ele era.

— Quero você, Ray.

Tentei ser ousada, coloquei minha mão na sua cintura, meu olhar nunca deixando o dele e aos poucos, deslizei até chegar na sua bunda. Apertei, ele se esfregou em mim e eu fechei os olhos para conter o gemido dos meus lábios.

— Eu quero você, Ben... — sussurrei com meu rosto escondido em seu pescoço e, diferente das outras vezes, ele não se conteve, deu tudo de si no beijo, no abraço e na pegada.

Ofeguei quando ele finalmente liberou minha boca, depois me fez deitar na mesa e segurou o botão do meu short nos dedos.

— Confia em mim? — perguntou com voz rouca.

— Sim, eu confio em você, Ben.

Ele removeu o short devagar, torturando as borboletas no meu estômago e acelerando o ritmo das batidas do meu coração. Colocou a mão em cima da minha calcinha e, aos poucos, senti seu dedão se movimentar em círculos onde sempre me senti mais incomodada, onde eu precisava de alívio.

Ele sentou em uma cadeira, trouxe meu quadril para mais perto e empurrou minha calcinha de lado apenas para lamber meus lábios vaginais.

Fechei os olhos, contive o gemido e segurei a respiração, com medo de passar vergonha ou querer fechar as pernas. Nunca fiz algo tão íntimo na na vida, não imaginaria que minha primeira vez seria dentro de uma biblioteca, em cima da mesa.

Tudo bem que eu imaginava um quarto cheio de pétalas, velas

aromáticas e tudo mais, mas... dessa forma, para mim, estava muito bem.

Ele movimentou sua língua por toda a minha intimidade, me chupou e mordeu até que eu não aguentasse mais me conter e me libertar de qualquer pudor.

Gemi, rebolei e finalmente consegui gozar. Os espasmos que meu corpo deu foram muito mais calorosos do que poderia imaginar.

Ofegante, sinto minha calcinha ser colocada no lugar, meu short também e Ben me cobrir com seu corpo, o sorriso em seus lábios me dizendo que ele curtiu tanto quanto eu.

— Está dispensada por hoje, Ray. Vista uma roupa elegante, hoje teremos uma noite especial.

Ele me ajudou a levantar, abracei seu corpo e ele retribuiu com maior intensidade, seu volume muito perceptível no meu ventre. Será que eu precisava retribuir agora também?

— Posso escolher o livro antes de ir? — perguntei e ele riu um pouco antes de beijar minha testa e ajeitar a virilha sem disfarçar.

Ele sempre vestia terno, uma vez me disse que no período da manhã, tentava regularizar algumas propriedades da família, além de sociedades abandonadas. Nunca pedi detalhes, e ele também nunca me deu.

— Fique à vontade, você já é da casa. Eu vou tomar uma ducha fria.

Assim, ele me deixou suspirando apaixonada e na dúvida de qual livro ler. Peguei meu celular e mesmo sabendo que me arrependeria depois, mandei mensagem para as minhas amigas.

**Ray>> Qual livro hot você leria para um ficante?**

**Letícia>> E as perguntas cabeludas da Ray nunca acabam. Você ainda não liberou para o cara? Vou ter que ir aí dar na sua cara?**

**Josi>> Não é você que precisa dar, Letícia, é a Ray...**

**Thata>> Você vai ler em voz alta para o boy? Estou encabulada só por pensar em algo como isso. Imagine falar: “O pau duro como rocha penetrou a boceta encharcada dela”... Não dá, é muito para mim.**

**Letícia>> Ah, Thata, nem vem que você gosta, confessa! Ray, leia um da Nana!**

**Alci>> Não, leia algo mais light. Escolha o último lançamento da Sue.**

**Josi>> Não escute elas, leia o do príncipe que adora um cool! Vai dar altas ideias para ele!**

Arregalei os olhos e depois dessa da Josi só apareceram *emojis* rindo. Não adiantava, eu teria que escolher sozinha e que fosse uma boa escolha para servir de preliminar.

Eu iria finalmente entregar a última parte que me restava intacta, por ele. Depois de hoje, eu seria dele, apenas dele.



# Capítulo 14

## Ray

Arrumei o cabelo, fiz maquiagem e coloquei um vestido que usei no último casamento que participei. Estava me sentindo um pouco demais, mas se Ben comentou que eu precisava me arrumar, então, teria que me produzir de verdade.

— Está linda, minha neta! Parece tanto com sua mãe! — ela falou e ajeitou um fio de linha solto perto da alça.

Os brincos eram da minha mãe, o vestido azul claro com pedras prateadas me deixava com um ar mais jovial e tinha medo disso incomodar Ben. Ele nunca demonstrou a diferença de idade ser um problema, mas confesso que para mim sempre foi um porém.

Enquanto estávamos apenas nós, era uma coisa. Depois que ele for embora e a distância for demais, tenho certeza que nunca serei alguém que valha a pena o esforço.

— O que essa cabecinha já está pensando, hein?

— Nada, estou pensando longe. — Abracei minha avó. — Talvez eu demore para voltar. Ben quer jantar e tomar sorvete.

— Só se proteja, tudo bem? — Ela olhou nos meus olhos com preocupação. — Além do coração, proteja também... você sabe...

*Urgh*, falar de sexo com minha avó, não.

— Está tudo sob controle, vovó.

A campainha tocou e meu coração acelerou. Ele não precisava fazer isso, uma buzina já indicava sua chegada.

Minha avó saiu primeiro e fui atrás. Ela recepcionou Ben e depois me puxou para o seu lado.

— Cuide da minha neta, rapaz. Conheço dona Judite e conheço sua mãe. Não medirei esforços para acabar com sua vida se você fizer algum mal a ela.

Ele pareceu encabulado, olhou de mim para minha avó e colocou a mão no coração.

— Tem minha palavra que sua neta será bem tratada. A última coisa que quero nesse momento é que ela se afaste de mim.

— Você vai se mudar para cá? Vai levar minha neta de mim?

Olhei para minha avó com os olhos arregalados. Que interrogatório foi esse?

— Relaxa, vovó! — Virei para Ben e o empurrei para fora. Na sua mão havia uma rosa vermelha, então, o fiz parar, peguei, cheirei e beijei seus lábios. Foi um movimento um tanto engraçado. — Obrigada, mas fuja enquanto é tempo.

Deixei a rosa em cima da minha cama e quando voltei, estavam os dois conversando com o cenho franzido.

Beijei a bochecha de vovó, envolvi meu braço no de Ben e finalmente consegui reparar na sua roupa. Terno três peças, cabelo bem alinhado, barba desenhada e cheiroso.

— Ainda bem que escolhi essa roupa, estava com medo de estar muito arrumada.

— Você está perfeita, Ray. — Ele me fez girar no eixo antes de roubar um beijo e abrir a porta do carro para mim. — Linda!

Retribuí o beijo, estava feliz, mas lá no fundo do meu peito, aquela pergunta que eu não queria fazer estava na ponta da língua: quando ele iria embora? Quando nosso romance teria fim?

Eu ignorei, fingi que não existia essa situação, porque sabia que iria sofrer, mas vovó conseguiu colocar uma baita pedra entre nós e eu precisava tirar.

Ele se acomodou no banco, pegou minha mão para colocar em cima da sua perna e acelerou o carro.

— Você está tensa, Ray — afirmou e, por incrível que pareça, ele também parecia da mesma forma.

— Eu não queria entrar nesse assunto, mas vovó plantou a semente. Você não vai se mudar para cá? Vai embora?

Ben parecia sombrio quando exalou o ar com força e apertou minha mão.

— Como disse antes, eu tirei férias para tentar unir a minha família, não pretendia me mudar.

Tirei minha mão da dele, cruzei os braços à frente e fiz bico.

— Quando?

— Semana que vem. Ray...

— E você iria me dizer em que momento? — exaltei-me, porque a dor em meu coração era muita para suportar sozinha. Dessa vez não houve crise de

riso, apenas sofrimento.

Desilusão amorosa dói demais!

— Você nunca me permitiu falar em namoro com você! — ele tentou se defender.

— Você nunca TENTOU! — Olhei-o com acusação.

— Você não confia em mim. Como posso te propor alguma coisa se ainda falta isso?

— Você está falando sobre sexo? Só vai ter algo comigo quando eu foder com você?

Nessa hora eu tentei abrir a porta do carro, porque iria sair daqui, agora.

— O que você está fazendo? Está louca?

— Sim, fui louca em achar que entregar meu coração para um forasteiro era o certo. Você só pensa nisso, não é mesmo? Não vê a hora de tirar a virgindade da moça *jacú* e adicionar para sua lista!

Como eu insistia muito em abrir a porta do carro, no meio da avenida principal da cidade, ele parou o carro e liberou que eu saísse. Claro, ele me seguiu.

— Por favor, Ray, não distorça meus sentimentos. Você nunca me falou dos seus pais. Não sei se tem irmãos, o real motivo de morar com sua avó e não ter um emprego. Estou cego aqui!

Estava andando e quando ele começou a falar, virei em sua direção e o vi com os braços abertos no meio da calçada. Ele estava jogando suas ações como se fossem minhas?

Estava a ponto de explodir e Benjamin não saberia o que o atropelou quando finalmente isso acontecesse.



# Capítulo 15

## Ray

— Você também nunca me falou de você ou sua família. Por que eu precisava contar sobre mim? Além do mais, você sabe muito mais coisas sobre a minha pessoa do que muitas das minhas amigas. No meu mundo, dar mais do que receber se chama CONFIANÇA! — aproximei dele gritando.

Ainda bem por ser noite e apenas os carros presenciavam nossa discussão.

— Não me venha com isso. Você sabe muito mais sobre minha família do que eu mesmo. Não preciso contar que meu pai se matou e antes, matou o amante da minha mãe! — Ele baixou o tom de voz, a raiva e ressentimento transbordavam dos seus olhos. — Eu vi os dois mortos e até hoje tenho pesadelos com essa merda. Sabe o quão difícil é ficar naquela casa sozinho durante a noite? O quanto me sinto um merda por ter medo, como uma criança, de dormir no próprio quarto?

Eu era uma boba, porque ele mudou o foco da discussão e meu coração doeu por ele. Minha vontade era de dormir abraçada a ele, todas as noites, para afastar esses demônios de sua vida.

Fechei os olhos, respirei fundo e voltei ao foco principal:

— Eu não sei disso, porque você nunca confiou em mim para contar — falei calma, mas uma lágrima bandida escorreu pelo meu rosto sem eu permitir. Limpei rapidamente. — Eu gosto de você, Ben.

— Oh, Ray... — Ele me abraçou com força e eu suspirei com dificuldade. — Você é a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Você não ilumina só o meu dia, mas minhas noites e pensamentos. Eu não sei se consigo ficar sem você na minha vida por muito tempo.

— O que vamos fazer? Você vai embora... eu não sei ter um relacionamento à distância. — Ele se afastou, mas continuou segurando meus braços. — Eu nunca tive um relacionamento de verdade.

— O que te prende aqui? Vá embora comigo, meu apartamento é grande, eu poderia pagar um MBA para você...

Dei um passo para trás, para que seu toque não influenciasse nas minhas decisões. Eu parecia ser submissa, mas tinha meu orgulho e convicções.

— Ben, não tenho vocação para dona de casa. Mal sei fazer um arroz e feijão, imagine viver sustentada por você.

Ele suspirou frustrado, passou as mãos no cabelo em sinal de nervosismo.

— Posso te colocar no melhor jornal ou empresa de marketing da cidade. Você não precisa se sentir dessa forma, eu tenho funcionários em casa, você não tem que se sentir do lar se não quiser. Estou te dando a oportunidade de crescer!

Parecia a mina de ouro, certo? Um homem lindo como Ben, me oferecendo um emprego, curso e a vida de madame que qualquer mulher sonhava em ter. Só que para isso acontecer, eu precisava contribuir. Para que eu pudesse aceitar seu presente, eu precisava fazer parte dessa conquista, não apenas tê-la jogada no meu colo.

Precisava fazer por merecer.

— Quero conseguir uma vaga de emprego por meu mérito e não pela sua influência.

Ele levantou a sobrancelha em escárnio.

— Você não percebe que hoje em dia só se contrata pessoas por indicação? Por que você trabalhou lá na minha biblioteca? Porque Judite conhece sua avó e ela te indicou. Não tem nada a ver com sua capacidade intelectual. Para manter o seu emprego, sim, você precisa mostrar seu potencial, mas para conseguir um emprego... — Balançou a cabeça em negação e dei um passo para trás, um pouco transtornada com essa constatação.

Ele deu um passo em minha direção e levantei as mãos para que ele não se aproximasse mais.

— Me leva para casa, eu preciso pensar, Ben.

— Estou reassumindo a direção da emissora aqui da cidade — ele falou e colocou as mãos no bolso. — Ter você por perto me fez querer criar raiz aqui de alguma forma. Nós estávamos indo para a festa onde seria anunciado isso.

— Essa noite está ficando cada vez melhor! — Coloquei as mãos na cintura, fervendo de raiva. — E quando você pretendia me avisar? Terá cobertura jornalística, eu vou aparecer do seu lado!

— Qual o problema em aparecer do meu lado? — ele se ofendeu.

— O que nós somos, Ben? Vai me apresentar como amiga? Namorada?

— Como você quer ser aprestada, Ray?

— Não jogue essa responsabilidade para que eu decida. Foi você que

começou e não me informou. — Apertei os lábios controlando o choro. Céus, essa discussão estava tirando meu chão.

— Minha namorada, você é minha namorada, Ray! — Ele se aproximou, me segurou pela cintura e me encarou.

— E quando você me pediu em namoro? Porque você vai embora semana que vem e não tenho pretensão de iniciar uma coisa com data de validade.

Ele fechou os olhos, suspirou e apertou meus quadris. Ele tentava se controlar e eu só queria perder o controle e falar tudo o que estava entalado na garganta.

— Vamos para a festa, não foi assim que imaginei nossa noite.

— Nem eu. Imaginei que iríamos num restaurante, apenas nós! Voltaríamos para sua casa e... — Desviei o olhar, porque não saberia dizer se depois de tudo isso, eu teria coragem de me entregar. Obrigada, intuição, mais uma vez você estava certa sobre me preservar antes de liberar geral.

— Por que tem medo, Ray? — Ele alisou minha bochecha e voltei a olhar em seus olhos. — Posso te dar um mundo, podemos fazer funcionar como você deseja, nos seus termos, só precisamos conversar. Não coloque um muro onde construímos um caminho tão bonito baseado em confiança e carinho.

— Eu só... — Abracei seu corpo, minhas inseguranças tomando conta de mim e controlando as lágrimas que escorriam pela minha face.

Como dizer que ele era um homem muito mais maduro, experiente e que poderia encontrar mulheres muito melhores que eu nesse mundão afora e com isso, ele poderia não só me machucar, como me destruir? Como dizer que qualquer sacrifício que eu fizesse em nome desse amor, eu estaria me entregando completamente a ele e isso poderia ser meu fim, quando tudo terminasse?

Amor?

Oh, céus, sim, eu estava amando. Seu jeito carinhoso de me pegar de surpresa, os elogios que nunca economizou em me dar, as flores que mandava entregar todos os dias em casa, os cartões, ele vestido de terno, me beijando...

Eu estava amando e a constatação disso só aumentou meu choro, porque não haveria volta. Ele me dispensando hoje ou daqui um mês teria o mesmo efeito no meu coração, só mudaria a quantidade de capotadas que eu levaria.



# Capítulo 16

## Ray

Meu coração parecia que ia sair pela boca com a constatação do momento. Eu estava amando de verdade.

— Vamos conversar amanhã sobre tudo isso? — Ele beijou minha testa quando funguei. — É possível fazer funcionar. Tenho um grande aliado, que é dinheiro. Você pode se mudar como pode fazer ponte aérea toda semana. — Ele se afastou, pegou meu rosto em suas mãos e suspirou. — Dá para fazer acontecer, Ray. Me deixe tentar, por favor!

Abracei seu pescoço e beijei seus lábios com tudo o que eu tinha. Ele implorou, vi não só no tom de sua fala, mas em seus olhos, o quanto ele estava desesperado para que pudesse tentar estar comigo.

O que fiz para merecer alguém como ele?

O que eu tinha que o atraía tanto? Sabia o quanto era chata, muitas vezes insegura e até um pouco desengonçada, não tinha nada de mulher e muito de menina, então eu queria saber, precisava saber, o que eu tinha?

Ele abraçou seu corpo como se quisesse nos fundir, nosso beijo se aprofundou e minhas lágrimas serviram de tempero para nossa reconciliação.

Puta que pariu, essa era nossa primeira DR! Que loucura foi, começando com muito ódio dele e terminando comigo em seus braços. Uma montanha-russa de sentimentos, ora bem, ora mal... será que teria um coração pulsante até o final desse relacionamento?

— Preciso saber por que eu... — falei quando ele uniu nossas testas e respirou com dificuldade. Nosso beijo foi desesperado e necessitado!

— Posso demonstrar? — pediu com um sorriso carinhoso. — Vamos passar pela formalidade da noite, vamos seguir nosso cronograma e no final, vou demonstrar o motivo de estar com você e não querer me afastar.

Não passou despercebido que ele não se declarou. Não usou a palavra gostar, amar ou qualquer outra semelhante. Será que ele tinha problema em assumir ou era apenas eu que não valia tanto assim?

Ele me puxou para o carro novamente e tentei ignorar as inseguranças. Que se foda, melhor esperar esse dia acabar antes de tirar qualquer conclusão.

Sentei no banco, procurei um espelho no quebra-sol do carro e vi que minha maquiagem estava um pouco borrada. Ainda bem que vovó me fez pôr um lenço dentro da microbolsa que trouxe comigo, até parecia que ela sabia que

eu precisaria.

Terminei de me limpar, retoquei o batom e olhei para Ben, que já tinha o carro em movimento e um olhar perdido. Sua boca estava um pouco manchada e limpei sem pedir permissão, o que me rendeu um sorriso carinhoso.

Ele era muito especial.

Chegando próximo ao evento, respirei fundo e me preparei para as consequências dessa noite. Eu seria vista do lado de um poderoso executivo, todos saberiam que eu me envolvi com ele e se por algum acaso ele for embora e eu ficar chorando pelos cantos, ninguém deixaria de me lembrar de Ben.

Precisava proteger meu coração.

Ele estacionou o carro e várias câmeras foram direcionadas para nós. Segurei sua mão e pedi perdão com o olhar.

— Podemos seguir essa festa como amigos?

Ele me olhou chateado, deu de ombros e forçou um sorriso que não era dele.

— Seremos apenas Benjamin Valentini e sua convidada Rayanne.

Para acalmar meu coração ou piorar a situação, ele beijou minha mão, saiu do carro e falou com alguns repórteres que o aguardavam. Eu saí do carro e dois homens fortes e de ternos pretos fizeram uma barreira para que ninguém se aproximasse.

— Somos os seguranças do senhor Valentini. Nos acompanhe — um deles falou perto do meu ouvido, eu virei para ver Ben, mas ele estava muito entretido com a cobertura jornalística do evento.

Segui os dois e me mantive com um sorriso congelado nos lábios, não queria ninguém me perguntando se estava bem, porque corria um grande risco de começar a chorar e pedir para ir embora.

Entramos em um grande salão, várias mesas muito bem decoradas estavam espalhadas pelo local. Havia um palco, um palanque e um telão. Fui acomodada na mesa mais próxima do microfone e com um suspiro de derrota, sentei no local e deixei minha bolsa em cima da mesa.

— Água, refrigerante ou champanhe, senhorita? — o garçom ofereceu.

— Champanhe — escolhi e pedi para que esse líquido me fornecesse o mínimo de coragem que fornecia para as mocinhas dos meus livros.

O salão ia enchendo e nada de Ben aparecer. Sentaram dois homens com suas esposas na mesa, eram os sócios da emissora e cada vez mais me sentia deslocada.

Eu nunca serviria para esse tipo de evento social. Eu tinha vinte e cinco anos, era graduada, mas não me encaixava nas conversas da elite da cidade. As mulheres até tentaram me incluir na conversa sobre o novo salão de beleza que abriu ou a escola em que seus filhos estudavam.

Era muito nova para esse mundo. Eu e Ben nunca daríamos certo.

— Boa noite, senhores! — Uma mulher apareceu, exuberante e muito simpática. Ela cumprimentou o primeiro casal e se apresentou. — Sou Laila, noiva de Benjamin Valentini. É muito bom poder estar aqui com vocês e prestigiar o retorno dele aos assuntos da família.

Congelei no lugar. Não sabia se era por descobrir, da boca de outra pessoa, que Benjamin tinha uma noiva ou porque tudo isso era muito clichê para acontecer. Era típico dele esconder seu passado, mas uma noiva?

Eu era insegura, às vezes ingênua, mas tudo isso me cheirava armação e antes de tirar a limpo com ele, eu confiaria que não me fez de boba a esse ponto.

Por Deus, ele pediu para que me mudasse para seu apartamento, ele não faria isso se tivesse uma noiva.

— Olá, querida. Sou Laila e quem é você? — Ela se sentou ao meu lado, deixando a única cadeira vazia na mesa ao meu lado. Seu olhar era acolhedor, seu sorriso muito simpático... ela não parecia uma megera e isso estava tirando a minha confiança de antes.

— Sou Rayanne — omiti se era amiga ou namorada ou o que quer que seja de Ben. Pensando nele, onde raios ele estava?

— Prazer em conhecê-la. Benjamin é uma caixinha de surpresa, me avisou apenas de última hora seus planos. Acredita que só porque brigamos, ele fugiu de mim? — Ela pegou minha taça de champanhe e tomou todo o conteúdo. Arregalei os olhos, porque a face dessa mulher poderia ser muito bem convidativa, mas suas ações...

Eles brigaram? Benjamin fugiu?

Um medo começou a invadir meu coração. Precisava um pouco do líquido, mas a bonitona da noiva do meu namorado tinha tomado tudo!

— Pois é... — falei, peguei minha bolsa e procurei meu celular.

Eu precisava de ajuda, ou começaria a pensar em assassinatos como minha avó.



# Capítulo 17

## Ray

Antes que eu pudesse desbloquear o aparelho, Benjamin apareceu na mesa com seu sorriso engessado. Não parecia surpreso com a noiva estar ao meu lado.

— Boa noite, senhores — ele cumprimentou e vi Laila se levantar e abraçar meu homem.

Ah, sim, agora ele era meu homem e minha vontade era de demarcar território, porque ele fez promessas para mim!

Vi quando ele virou o rosto para não receber um beijo dela, na boca e o quanto ela ficou sem graça ao se sentar. Ela logo começou uma conversa com as outras mulheres da mesa e eu deixei meus ombros caírem, com a intenção de cavar um buraco e me esconder.

Essa noite tinha tudo para ser boa, mas estava piorando cada vez mais.

— Preciso falar com você urgente — Ben me tirou da bolha que eu estava me enfiando e levantei da cadeira sem pensar duas vezes. Ele daria um jeito de me levar em casa ou usaria o poder do dinheiro para fazer isso. Eu não ficaria aqui nem mais um segundo.

Com uma mão nas minhas costas, me guiou para trás dos palcos e então, para um escritório. Percebi que os seguranças nos seguiam e fizeram guarda do lado de fora.

— Eu posso explicar... — ele começou e dessa vez, o riso ganhou e não tinha nada a ver com meu nervosismo. Bem, talvez um pouco.

— Será que pode piorar? — falei entre risos. — Primeiro é nossa DR, agora uma noiva surgiu do nada. Qual a próxima surpresa da noite? Um filho perdido ou uma gravidez?

Curvei meu corpo rindo e senti Ben me abraçar. Eu queria pedir que se afastasse, mas talvez essa fosse nossa última interação. Quando uma conversa começava com: “eu posso me explicar”, saiba, a pessoa tem culpa no cartório.

— Me perdoa, Ray — sussurrou e meus risos foram substituídos por choro. — Porra, nunca pedi perdão na minha vida e hoje estou fazendo, porque eu estou com medo de te perder.

Ajeitei minha postura, abracei seu corpo e tentei controlar meus sentimentos. Chega de choro pela noite, já havia perdido o controle uma vez, não poderia fazer novamente.

Além do mais, ele era a estrela da noite, não poderia prejudicá-lo, por mais que ele estivesse fazendo isso comigo.

— Está tudo bem, já estou controlada. — Afastei a cabeça para encarar seus olhos perturbados. — Você é ou não é noivo?

— Não! — negou rápido demais... isso era bom, certo?

— Então deixe o resto para depois. Eu gostaria de ir embora para casa...

Ele me olhou por um bom tempo antes de suspirar e responder:

— Eu vou com você. Que se foda esse evento, eu cuido das consequências depois...

— Não, você fica, faz seu papel de poderoso CEO e depois conversamos. Obrigada por tudo — falei com um sorriso triste.

— Não me venha com discurso de despedida, Ray. Estou fazendo uma escolha aqui e ela é você acima da minha imagem como poderoso CEO, como você disse.

Essa foi a primeira capotada que meu coração deu. Ele havia me escolhido, mas uma coisa era fato, nós nunca duraríamos muito. Ben estava em uma fase da vida que não combinava com a minha... ou era apenas eu o problema.

Mas ele era bom... Deus, como Benjamin Valentini era o homem dos meus sonhos.

Ele abriu mão, era minha vez de fazer o mesmo com ele.

— Eu vou ficar, vamos continuar com nossa noite, mesmo que essas novas situações tenham acontecido.

— Você não está confortável. — Ele apertou minha cintura e percebi que nós dois estávamos sendo forçados a algo essa noite. Estávamos no mesmo barco.

— Preciso me preocupar com veneno na minha bebida? — perguntei com humor e alisei seu rosto, sua barba alinhada sendo uma agradável carícia.

— Laila é apenas uma consequência das ambições de seus pais. Ela não te fará mal.

— Na dúvida, não beba nada. Só faça o que precisa fazer e vamos embora daqui. Suportarei a noite por causa do sorvete.

A brincadeira tentava mascarar minha dor. Esse assunto estava longe de estar resolvido, essas palavras ditas como enigma, meias verdades, estavam longe de me convencerem que estava tudo bem.

Ele segurou minha mão, beijou o dorso e me olhou admirado.

— Você nem percebe, mas me conquista todos os dias com suas atitudes e força. — Ele abriu minha mão e colocou contra o peito. — Sente isso?

Estava acelerado, era possível sentir seus batimentos cardíacos apenas com a palma da minha mão.

Não precisava de palavras quando as ações falam por si só. Ele beijou minha palma, depois colocou novamente em seu coração e respirou profundamente.

Isso era ele dizendo que gostava de mim? Meu Deus, eu queria beijar sua boca e me entregar para ele aqui e agora, mas como a boa dama que era, apenas beijei sua bochecha com leveza e me coloquei ao seu lado.

Voltamos para a mesa, Laila muito entretida com as duas convidadas, porém, ainda estava entre nós. Revirei os olhos quando sentei e tentei não fazer novamente quando ela pegou um guardanapo da mesa e tentou limpar a marca de batom que deixei em seu rosto.

Se eles não eram mais noivos, qual era a da louca?

O que era para ser rápido demorou horas. Benjamin conversou com os sócios da emissora, tentou me incluir na conversa quando o assunto era a parte jornalística, mas Laila conseguia roubar atenção sempre, com delicadeza e simpatia.

Houve um discurso, um vídeo sobre a trajetória da emissora e também da carreira de Benjamin. Essa era uma empresa herdada de seu pai, como tantas outras que eles tinham. Um empresário jovem e que teve muitas responsabilidades logo cedo, sua vida foi marcada por tragédias, mas também vitórias.

Suas duas faculdades, vários MBAs e aquisições de empresas o tornavam mais inalcançável do que era. Se ele estava hoje comigo, amanhã, com certeza, encontraria alguém mais engajada do que eu.

Oh, céus, eu não servia para Ben!



# Capítulo 18

## Ray

Peguei o celular quando o pânico tentou me dominar.

**Ray>> Ele é Benjamin, tem dez anos a mais que eu e parece ser dono da cidade. Guardem segredo, por favor, estou apavorada.**

**Letícia>> Eu te vi na televisão, na festa da principal emissora da cidade, você chegou no carrão com ele. Será a fofoca de amanhã, está tendo noção?**

**Joci>> Essa é a Letícia querendo dizer que você tem nosso apoio, mesmo que os fofoqueiros de plantão queiram te colocar para baixo. Vocês estão juntos por vários dias, ele gosta de você.**

**Thata>> Apareceu na TV? Uau, aproveite o momento para fazer um network, conhecer pessoas da sua área. Quem sabe você descola um emprego.**

Oh, se elas soubessem o que realmente estava se passando na minha cabeça.

**Alci>> Boa noite, estou pregada, mas preciso dizer algo para a Ray que vale para todas: aproveite o momento.**

**Ray>> Como assim?**

**Alci>> Você falou que está apavorada, com certeza está em uma situação em que precisa escolher entre pular no poço ou fugir.**

**Joci>> Fuja e viva para contar história! Brincadeira, pula logo, a gente te tira de dentro do poço se você não conseguir sair. Somos melhores unidas.**

**Thata>> E eu achando que a boa de conselhos era a Paula.**

**Paula>> Alguém me chamou? Vocês não acreditam, não vou voltar essa semana para casa, estou puta da vida, mas enfim... Ray, minha amiga, a vida é só uma. Coração partido acontece e te fortalece. Você tem mania de pensar lá na frente, às vezes nem vai acontecer algo ruim, mas sim algo bom.**

**Letícia>> Quem sofre de véspera é peru de Natal.**

**Joci>> Seja uma ave, mas daquelas que voam de verdade, como uma arara.**

**Alci>> Olha a filosofia da noite. Jesus...**

**Thata>> Ou seja apenas Frozen e grite: livre estou, livre estou...**

— Vamos? — Escutei a voz de Ben, mas quando olhei para trás não o vi, apenas o segurança.

— Me acompanhe, senhorita?

— Já está indo? Acho que vou chamar Benjamin para irmos também, cheguei de viagem há pouco, estou muito cansada — Laila falou sem olhar para a minha cara.

Com um sorriso amarelo me despedi de todos, segui o segurança até o carro de Benjamin, que já estava sentado no banco do motorista, o motor também estava ligado.

Mal fechei a porta e ele acelerou, me fazendo respirar fundo ao colocar o cinto de segurança com as mãos tremendo de nervoso. Ele estava em alta velocidade. Ainda bem que foi por pouco, porque ele entrou em um bairro próximo e parou em frente de uma sorveteria por quilo.

— Minha mãe sempre nos trouxe aqui quando crianças, antes do meu pai falecer — ele começou a falar, encostou a cabeça no encosto do carro e fechou os olhos. — A primeira coisa que fiz quando assumi as empresas da família foi comprar esse lugar e nunca deixar fechar. Nem sabia o motivo, porque não tinha pretensão de voltar a essa cidade nunca mais, até... — ele suspirou — até eu descobrir que minha noiva estava apenas comigo por causa de um acordo de negócios com seu pai. Ela tinha um contrato de gaveta que lhe dava poderes sobre uma conta no exterior com alguns milhões se conseguisse se casar comigo em comunhão de bens.

Ele virou seu rosto para mim, agora seus olhos estavam abertos e refletindo sua dor. Virei o corpo para o seu lado e o observei se abrir comigo. Ele queria vir à sorveteria, ou seja, ele tinha intenção de falar isso para mim mesmo antes de tudo ter acontecido.

Bem, assim eu esperava.

— Quando a confrontei sobre o contrato, que estava dentro da minha casa, ela morava sob o mesmo teto que eu, porque iríamos no casar daqui seis meses, ela não negou e ainda falou que seria bom para os negócios, ela dividiria esse dinheiro comigo.

Soltou um riso irônico e chateado.

— Foi aí que parei para pensar sobre a minha vida, as pessoas que me cercavam só pensavam em dinheiro e mais dinheiro e eu sentia tanta falta da família! — Partiu meu coração vê-lo controlar o choro. — Junto com o contrato dela estavam algumas fotos antigas que sempre guardei comigo, recordações de

infância que costumava ver quando se aproximava o aniversário de um ou outro irmão.

— Você acha que ela colocou o contrato ali de propósito? — perguntei, um pouco chocada com a mesquinhez dessa mulher.

— Claro que foi, ela conhecia meu passado, sabia muito bem sobre as fotos. — Ele pegou minha mão e colocou em cima da sua coxa, seu olhar não desviou de nosso contato. — Essa situação foi um divisor de águas na minha vida. Saí da minha casa e fui para meu apartamento, deixando que meus advogados resolvessem seu despejo e qualquer outro problema que ela viesse lidar. Estava cansado emocionalmente quando decidi entrar no meu carro e voltar para onde tudo começou. Engraçado como uma semana antes de chegar eu tinha ligado para Judite e pedido para que limpasse a casa. Não tinha pretensão de voltar, mas acho que dentro de mim, eu queria e só precisava de uma desculpa.

— E chega na sua antiga casa cansado para se deparar com uma louca mexendo nos seus cadernos de recordações — brinquei e ele apertou minha mão.

— A primeira coisa que eu queria era te expulsar de lá, mulheres não entrariam na minha vida tão cedo, mas... — Ele levantou o olhar, segurou meu queixo com sua outra mão e me olhou com carinho. — Você é especial, Ray. Seu carinho e pureza podem ser vistos a quilômetros de distância.

— Acho que já deu de fortes emoções por hoje — falei controlando o choro, emocionada. — Prometi a mim mesma não chorar mais.

— Você quer saber sobre mim? Pergunte o que quiser, estou completamente aberto pra você.

— O que mudou? — Peguei a palma da sua mão e beijei.

— O medo de te perder. Se preciso parecer um fraco para não te perder, eu farei.

— Mostrar suas vulnerabilidades não o torna fraco. Acho que isso mostra ainda mais todo o seu poder. — Sorri com carinho. — Estou muito orgulhosa de você. Mesmo sendo dez anos mais velho que eu, é jovem para tantas conquistas. Parecia até que era comigo quando vi aquele vídeo...

Ele merecia o mundo, lutou por isso, só esperava que eu também pudesse merecer tanto quanto ele.



# Capítulo 19

## Ray

Ele trouxe meu rosto para próximo do dele e me cheirou, passando seu nariz aos poucos ao redor da minha boca até que seus lábios encontraram os meus e nos beijamos sem pressa, com desejo e muita sensualidade. Sua língua foi calma contra a minha e a exploração de nossas bocas foi algo sensual e intenso, fazendo com que minhas pernas se apertassem em apreço.

— Sei que não é romântico dizer isso, mas já estou de pau duro só em te beijar — sussurrou no meu ouvido e senti meu rosto esquentar. Ainda não tinha coragem o suficiente para apalpar sua virilha, mas olhava e via o grande volume.

— Você me prometeu sorvete — falei divertida.

— Sim, eu prometi sorvete e uma coisa que não falho é com minhas promessas. — Beijou meus lábios com força e depois se afastou, respirando profundamente e várias vezes. — Me dê alguns minutos para não passar vergonha na frente dos outros.

— Quer que eu compre para nós? — Ele me encarou. — Olha que milagre, eu finalmente vou pagar algo para nós.

— Acho que você é a única pessoa que conheço que fica feliz em gastar seu dinheiro com um milionário.

Fiz bico, rechaçando esse título.

— Grande coisa, o importante é ter saúde.

Saí do carro, peguei as casquinhas e tentei adivinhar qual o sabor que ele gostava. Como seu paladar parecia ser sempre para o amargo, escolhi sabores mais suaves como coco e chocolate meio-amargo. O meu foi morango e chocolate ao leite.

Voltei para o carro e Ben parecia na mesma situação e sofrimento que antes.

— O que foi?

— Se você soubesse o quanto dói ficar com bolas azuis, não me perguntaria isso — falou estrangulado, tentou lamber um pouco do seu sorvete, mas parecia difícil.

Olhei para sua virilha, o sorvete e depois para seu rosto. Eu estava realmente pensando em fazer tal coisa? Bem, quando chegarmos na sua casa, eu pensava em entregar minha virgindade, então, qual o problema de fazermos o

passeio completo?

Como diria a grande filósofa moderna e rainha do gelo: livre estou, livre estou...

Chupei o meu sorvete o mais rápido que consegui enquanto imaginava minha próxima ação. Estávamos em um lugar mais afastado, apenas a luz do poste do outro lado da rua nos iluminava e ninguém parecia passar pela calçada.

Quando faltava quase nada de sorvete e a casquinha, coloquei minha mão na sua virilha e o vi sugar o ar, assustado.

— Ray? — perguntou preocupado, seu sorvete ainda estava pela metade e sua ereção continuava firme e forte.

— Posso tentar? — perguntei insegura, mas movimentando minha mão e sentindo seu comprimento. Uau, era grande e grosso.

— Você não precisa fazer isso, eu...

Perdeu a fala quando comecei a desafivelar seu cinto com apenas uma mão. De pouco em pouco eu desviava meu olhar para os seus olhos, para saber se ele me faria parar ou não.

Dessa vez ele tomou o sorvete em tempo recorde, desceu um pouco o seu banco e me ajudou a remover seu membro por debaixo da roupa. Ele era... nossa, nunca tinha visto um pênis ao vivo.

— Acho que posso gozar apenas com esse seu olhar para mim — Ben falou e eu tentei não corar. — Faça o que quiser, não precisa ter medo.

— Você me fala se não gostar? — pedi com vergonha.

— Ah, Ray, pode ter certeza que vou amar qualquer coisa que você fizer.

Essa afirmação foi todo o incentivo que precisava para colocar o dedo no meu sorvete quase derretido e tocar seu pau. Ele chiou, eu o olhei assustada, mas ele apenas fechou os olhos e acenou afirmativo.

— Pode continuar, está bom, muito bom...

Parecia que ele tinha segurado a respiração quando eu fiz novamente o movimento e comecei a lambuzar seu pau com sorvete de chocolate. Era meio pervertido da minha parte envolver comida na minha primeira vez, mas descobri que esse seria um ótimo incentivo para não desistir. Estaria sujo, precisaria limpar.

Depois de satisfeita com a “sujeira”, Ben tirou a casquinha da minha mão. Respirei fundo, inclinei meu corpo em sua direção e abri a boca ao mesmo tempo em que fechei os olhos. Oh, céus, seria meu primeiro boquete.

Assim que minha língua encontrou seu membro, escutei-o gemer. Depois abri minha boca, envolvi seu membro e chupei, movimentando minha cabeça para baixo e para cima, me animando ou diminuindo a intensidade conforme ele emitia os sons.

Foi uma boa estratégia lambuzá-lo, porque não senti nada além de satisfação em lhe dar tanto quanto ele me deu. Sexo oral era algo muito poderoso, senti-me como a dona de todos os seus prazeres.

— Desculpa, Ray, mas vou gozar, não aguento mais.

O que isso queria dizer? Descobri pouco tempo depois, quando suguei com mais força e senti o gosto de sorvete misturado com sua porra na minha boca.

Oh, céus, o que deveria fazer com isso? Sem pensar muito, apenas engoli, voltei à minha posição e peguei de volta o resto do meu sorvete, muito assustada e envergonhada com o que acabou de acontecer.

Ele ainda estava com os olhos fechados quando encontrou minha mão e apertou. Isso queria dizer que foi bom?

— Foi bom? — perguntei insegura.

Ele abriu os olhos, trouxe minha cabeça para perto da dele e beijou meus lábios como se fosse nossa primeira vez. Era necessitado, os movimentos eram fortes e novamente precisei apertar minhas pernas para aplacar a dor entre elas.

— Você é perfeita, Ray — Ben falou, beijou meu nariz, minha testa e se arrumou. — Você me surpreendeu de tantas formas que nem sei porque ainda acho que você irá fazer o que todo mundo faz.

— Merda, eu fiz algo de errado. O que foi? — perguntei desesperada quando ele começou a rir descontraído.

— Pelo contrário, você fez tudo certo. Está na hora de voltarmos para casa. — Ele acariciou meu rosto. — Tudo bem?

Se estava tudo bem? Claro que não estava, meus nervos pareciam que iriam explodir, meu ventre não parava de se contrair e meu coração palpitava, parecia que eu enfartaria a qualquer momento.

O amanhã não pertencia a nós, mas o hoje sim, por isso, iria completar a minha experiência e decidir o que fazer quando o sol se levantasse.



# Capítulo 20

## Ray

Tentei mudar o humor do momento:

— Vou te colocar pra dormir — brinquei e ele segurou minha mão quando ligou o carro, sorrindo de orelha a orelha.

— Ah, sim, por favor, estou precisando mesmo.

Seguimos para a sua casa sem deixar de trocar carícias. Ele sempre foi um bom namorado, mesmo que não fosse de verdade. Talvez a gente desse certo com o namoro à distância, mas se não for para ser, teria uma boa história para contar sobre a minha primeira vez.

Saímos do carro de mãos dadas, seguimos para o seu quarto da mesma forma e assim que ele fechou a porta atrás de nós, começou a se despir enquanto segui para sentar na sua cama.

— Podemos só dormir — ele falou enquanto removia sua roupa sem pudor.

— Estou certa da minha decisão, Ben. A não ser que você não queira... — retruco insegura.

Ele termina de tirar toda a roupa, fica apenas de cueca e segura meu rosto com as mãos.

— Tudo o que mais quero é me enterrar dentro de você e passar a noite inteira ao seu lado. Nunca duvide disso, eu te quero ao meu lado, te desejo de corpo e alma.

Ah, se ele soubesse que tinha muito mais de mim do que imaginava.

Com cuidado ele me levantou, removeu minha roupa devagar e beijou todo o meu corpo até encontrar minha calcinha e a remover com delicadeza. Minhas mãos foram cobrir meu seio no automático, mas ele me fez deitar na cama, e me expos por completo.

— Eu era um homem bem-sucedido profissionalmente e fracassado no lado pessoal. Hoje posso falar que minha vida pessoal está seguindo o mesmo caminho que a profissional. Obrigado, Rayanne.

— Estou muito feliz por fazer parte da sua conquista, Benjamin Valentini. Seja a minha também.

Ele desceu diretamente na minha boceta e chupou com fervor. Não se demorou muito, ainda mais quando colocou um dedo dentro de mim e constatou o quanto estava encharcada por ele.

Removeu a cueca, pegou uma camisinha na gaveta do criado-mudo e nos protegeu.

— Quer vir por cima? Você controla os movimentos — perguntou estando por cima de mim.

— Eu confio em você — sussurrei, alisei seu rosto e me declarei apenas com o olhar.

*Não só confio em você, como também te amo, Ben*, mentalizei.

Ele ajeitou seu membro, e de pouco a pouco entrou em mim. A ardência e desconforto fazendo parte do nosso momento de prazer.

— Não sei como deve ser para você, por isso preciso que me oriente — falou enquanto entrava e saía de mim aos poucos. — Apesar de ser difícil para mim, eu vou parar, é só me falar.

— Eu quero isso, eu aguento, continua... — perdi e ele continuou, dessa vez, enquanto uma mão o mantinha acima de mim, a outra encontrou meu feixe de nervos e friccionou.

Ah, agora sim... dor e prazer se mesclaram, seu olhar no meu me enfeitiçou e tudo o que somava naquele momento era o melhor do clímax. Estava para gozar e só tinha olhos e coração para esse homem.

Seus movimentos se intensificaram, meu coração acelerou e meu corpo começou a ter espasmos descontrolados assim que gozei. Ele ainda precisou de alguns movimentos a mais para se juntar a mim no clímax, deixando seu corpo cair sobre o meu, para logo em seguida, respirarmos com dificuldade.

Olhei para o teto e sorri. Não era mais virgem e foi lindo.

Abracei seu corpo, contraí minha vagina e percebi Ben chiar, ele ainda estava dentro de mim. Hum, reação interessante...

— Está tudo bem, Ray?

— Sim, Ben — respondi e beijei seu rosto. — Obrigada, foi muito especial.

— Nada menos pra você. — Ele se sentou e suspirou. — Quer tomar um banho? Eu vou remover a camisinha...

— Vamos descansar um pouco? — pedi, sentindo minhas partes íntimas latejarem. Ops, precisava constatar se havia sujado algo. — Ou melhor, tomar um banho...

Levantei com ele, conferi a cama e não vi nada, mas quando andei até o chuveiro, senti algo escorrer entre as pernas. Corri para debaixo da água e me limpei enquanto Ben parecia conter o riso.

— O que foi?

— Não precisa ter vergonha, acho que já passamos dessa fase.

— Ah, sei lá...

Ele entrou debaixo do chuveiro, me puxou para perto do seu corpo e me beijou, com ternura e paixão.

— Vem morar comigo, Ray — pediu e mordeu meu pescoço.

Oh, droga, ele iria entrar nesse assunto agora?

— Vamos conversar isso depois, por favor? Ainda tenho um livro para ler pra você.

— Ah, e qual deles você escolheu? — Pegou o sabonete e começou a me lavar.

— Quando deitarmos eu te mostro.

A verdade era que eu iria contar a mesma história que minha mãe contava para mim, antes de dormir, na época que tinha medo do monstro debaixo da minha cama. Sei que não tinha nada de erótico ou sensual, mas talvez, apenas por um momento, lembrei dessa história, do seus pesadelos e acreditei que poderia dar certo.

Terminamos o banho trocando alguns beijos, ele me emprestou uma camiseta branca e vestiu apenas uma cueca boxer. Deitado de barriga para cima, deitei ao seu lado e inspirei seu cheiro maravilhoso.

Eu estava no céu com Ben.

— Era uma vez um garoto muito esperto, que ia muito bem na escola e também era muito gentil com as pessoas — comecei a falar e adaptei a história para ser um garoto, já que minha mãe contava sobre uma garota, eu. — Um belo dia, um monstro resolveu se esconder debaixo da sua cama todas as noites e desde então, ele não fechava os olhos sem lembrar-se do monstro.

Sua mão começou a fazer carinho nas minhas costas e cabelo. Fiz o mesmo com seu peitoral.

— Se passou muito tempo e o garoto não conseguia dormir direito, porque o monstro estava debaixo da cama e ele tinha muito medo. Até o dia que ele precisou fazer xixi, no meio da noite. Como ele poderia sair da cama com o monstro ali? Como ele seguraria o xixi até o sol nascer? Fazer xixi na cama não era uma opção. Então, ele lembrou que sua mãe falou que crianças inteligentes e que são gentis com as pessoas têm uma grande habilidade: a coragem. E com isso ele pegou seu travesseiro, saiu da cama e enfrentou o monstro debaixo da cama. Qual não foi sua surpresa quando não encontrou nada além de vazio?

Respirei fundo, a melhor parte da história estava por vir.

— No outro dia, o garoto contou o que aconteceu para mãe e ela, muito sábia, disse: monstros só existem para quem não tem coragem. Não há vergonha em sentir medo, o que não podemos é deixar com que esse sentimento ofusque nossa verdadeira habilidade, a de enfrentar de cara o que mais tememos. Talvez o monstro não exista.

Aconcheguei melhor ao seu lado, a história tinha acabado e eu me sentia um pouco boba por ter contado. Ele era adulto, um homem feito e cheio de conquistas, o que seria uma história boba dessas para crianças?

— Na minha infância parecia melhor... — falei baixo e ele me abraçou não só com seus braços, mais pernas.

— Obrigado. — Sua voz estava embargada e não pude ver seu rosto, porque seu aperto em mim parecia inquebrável.

Pouco a pouco senti nossas respirações se estabilizarem e aos poucos me rendi. Eu não deveria dormir, precisava voltar para casa, mas só por hoje, apenas hoje, eu queria ter a experiência completa.



# Capítulo 21

## Ray

Acordei inspirando o melhor perfume da minha vida. O quarto estava escuro, o corpo nu ao meu lado trouxe lembranças do dia anterior, o que me fez sentar na cama, assustada.

— Bom dia, amor, aconteceu alguma coisa? — Ben perguntou sonolento e minha preocupação foi tamanha que nem dei atenção à palavra amor na sua fala.

— Que horas são? Eu não voltei para casa, minha avó vai me matar! — falei e corri atrás da minha bolsa, que estava no chão perto da porta.

Céus, eu nem me lembrava de ter deixado ali!

As dores entre as pernas me lembraram do que fiz ontem e senti um pouco de acalento. A bronca valeria a pena, porque a noite foi especial, apesar de todos os rolos.

— Puta merda, são mais de dez horas! — falei desesperada e Ben veio me abraçar por trás, ainda sonolento.

— Sem chance de atrasar mais uma hora? — perguntou e esfregou seu volume em mim? Ele já estava pronto assim? — Talvez meia hora?

— Ben, casa da minha avó em dez minutos! — continuei com meu tom desesperado, removi sua camiseta e fui atrás das minhas roupas.

— E você quer que eu tenha pressa quando você se expõe assim para mim? — Ele me jogou na cama antes que eu colocasse a calcinha, cobriu-me com seu corpo e se acomodou entre minhas pernas. — Está dolorida ou posso te dar bom-dia como realmente você merece?

— E como eu mereço? — perguntei com petulância.

— Bem fodida.

Devorou meus lábios, se esfregou em mim e eu esqueci completamente o motivo da minha urgência para sair dali. Ele esticou o braço enquanto nos beijávamos, depois de afastou, removeu a cueca, colocou a camisinha e esfregou meu clitóris.

— Já está pronta para mim, Ray? — perguntou e colocou um dedo dentro em meu interior. Ambos gememos. — Claro que está, você é perfeita para mim.

Ele me penetrou de uma vez, e ofeguei assustada.

Dessa vez ele explorou meu corpo, suas mãos deslizaram sobre o meu corpo enquanto movimentava seu quadril e também apertou meu seio. Ele trouxe um para sua boca e chupou, me fazendo ver estrelas de prazer.

Uau, era assim que acordaríamos de manhã quando estivéssemos morando juntos?

Gemendo, não demorou muito para que eu encontrasse meu clímax e ele também, dessa vez juntos, sincronizados.

Seu corpo caiu sobre o meu e o apertei forte, suspirando e com medo de perder tudo o que conquistamos até agora.

— Eu vou falar com sua avó — ele falou e beijou meu pescoço.

— Não precisa, vou precisar de você inteiro para me escutar lamentando a bronca. — Bati nas suas costas com a intenção dele sair de dentro de mim. — Agora preciso de um banho rápido.

— Preciso que você ensaboe uma parte importante do meu corpo — brincou e o empurrei de cima de mim, rindo.

— Despertei o monstrinho safado dentro de você.

— Ele sempre esteve vivo, só não queria te mostrar.

Em tempo recorde tomamos banho, brincamos mais um pouco e seguimos para minha avó. Eu, com a mesma roupa de ontem e ele com uma roupa informal. Adorava sua calça jeans e camisa polo, já que lhe davam um ar mais jovial, combinava mais comigo.

Assim que o carro parou na frente de casa reconheci não um, mas dois carros estacionados, rente à calçada.

— Merda, o que eles estão fazendo aqui, justo hoje?

— Eles quem? — Ben ficou em alerta.

— Meus pais. É melhor você voltar outro dia...

— Eu não tenho medo da sua família, Ray. — Ele segurou meu rosto e beijou meus lábios. — Diga para que eu não te acompanhe porque você não quer, não porque tem vergonha de mim.

— Eu não tenho, é só...

— Rayanne! — a voz da minha mãe ecoa e suspiro antes de sair do carro e ir enfrentar meu destino.

— Oi, mãe, não sabia que vinha — falei caminhando em sua direção, atravessando o portão e esquecendo que Ben vinha logo atrás.

Ela me abraçou e não me olhou nos olhos, mas por cima do meu ombro.

— Quem é o rapaz, filha? Não sabia que estava namorando e...

— Isso são horas de chegar em casa? — Meu pai aparece e traz a briga para fora de casa.

Já basta eu ter aparecido na televisão, trazer mais mídia para mim, numa briga para os vizinhos escutarem, seria o fim do mundo.

Cumprimentei meu pai com um beijo no rosto, mesmo que sua cara parecesse de poucos amigos, peguei na mão de Ben e entrei em casa, minha avó assobiando na cozinha, fazendo alguma comida caseira.

Quando ela olhou para mim e depois para Ben, deu de ombros e voltou sua atenção para a comida. Obrigada, vovó, tem dedo seu aqui.

— Olá, eu sou Benjamin, namorado da sua filha. — Ele estendeu a mão para meu pai, que o cumprimentou fuzilando com o olhar. Depois minha mãe e voltou a ficar do meu lado.

A gente nem tinha conversado direito sobre o namoro e já estava dando como certo. Minha vida poderia piorar mais um pouco?

— Mãe, ontem fui numa festa com Ben...

— Sim, sua avó nos contou, você não voltou para casa e deixou todo mundo preocupado. O que você está fazendo com sua vida, filha? — Minha mãe olhou para Ben. — Ela não é qualquer aventura para você...

— Sério mesmo que vocês terão essa conversa comigo na frente dele? — falei com raiva e olhei sério para minha mãe. — Eu estou bem, obrigada por perguntar. — Virei para o meu pai. — Estou namorando, é recente, por isso não contei. Estou feliz, isso é o que importa no final das contas, não é mesmo?

Minha mãe parecia ter recuado na sua atitude agressiva, a questão de estar feliz em um relacionamento era sempre o seu calo, por ter passado tanto tempo infeliz ao lado do meu pai.

Queria ter adiado o máximo que conseguisse do confronto com minha família, mas não teve jeito. Era hora de Ben mostrar o homem feito que era.



# Capítulo 22

## Ray

— Quantos anos você tem, rapaz? Ele parece muito velho para você, filha.

Revirei os olhos e apertei a mão de Ben indicando para não responder.

— Tudo bem, pai. Respeito sua opinião. Mais alguma coisa? — Queria encerrar o assunto, conversar com minha avó e descansar minha cabeça para a próxima discussão do dia, meu futuro com Ben.

— É só isso que tem a dizer? Sou seu pai, conheço a família deles e te digo que você merece muito mais. Eu me preocupo com você, minha filha...

Apertei novamente a mão de Ben, mas ele deu um passo para frente e não me obedeceu.

— O senhor tem toda razão. Rayanne merece muito mais do que minha família problemática pode dar. Estando ao meu lado, ela encontrará um mar de rosas, mas também espinhos. Qual união não traz desafios? Voltei para a cidade para assumir alguns negócios e também fazer algo de bom para a minha família. Há mais de dez anos mal converso com meus irmãos que não seja por documentos oficiais das nossas empresas. — Ele me trouxe para o seu lado e apertou, meu pai parecia firme na sua posição agressiva, mas o estava olhando com respeito. — Se mereço ou não sua filha, pode ter certa que estarei, todos os dias, buscando o melhor, porque é isso que ela consegue de mim, o meu melhor.

Minha mãe segura um soluço e vai para o banheiro. Meu pai continua o encarando por um tempo, até suspirar e sentar no sofá, as mãos no rosto em frustração.

— Minha filha não é mais uma menina — ele resmungou e Ben beija minha testa. Eu o olho com admiração, mas também com repreensão, ele apenas dá de ombros.

— Ah, que bom que vocês já se acertaram. Acabei de passar um café, tem bolo fresco e estou assando alguns salgados. Sente-se, Benjamin.

Nós dois sentamos no sofá em frente ao meu pai e minha mãe volta com a cara inchada de chorar.

— Não olhem desse jeito para mim, mãe é tudo besta mesmo, chora por qualquer coisa — desdenhou por brincadeira e foi para a cozinha falar com minha avó.

Queria trocar de roupa, mas também não queria deixar Ben sozinho

com os leões. Comecei a me mexer no sofá, incomodada, quando minha avó começou a servir seus quitutes.

— Não quer trocar de roupa? — Ben perguntou depois de um gole de café.

— Não quero te deixar sozinho — sibilei e peguei um pão de queijo.

— Você me subestima, pequena Ray — sussurrou no meu ouvido, beijou meu rosto e me levantou. — Pode ir, estou bem acompanhando por sua família — falou alto o suficiente para fazer minha mãe e avó suspirar e meu pai bufar.

Fiz uma careta para ele e fui para o meu quarto, contente e orgulhosa que tinha um homem de verdade ao meu lado. Ele não tinha medo de enfrentar minha família, não sei se eu teria a mesma valentia.

Vestida mais confortavelmente em short jeans e uma camiseta, quando chego na sala vejo os quatros rindo como se fossem velhos amigos. Faço bico, sento do lado de Ben e seguro a sua mão.

— Seu pai tem um grande senso de humor — meu namorado falou me dando um beijo na têmpora.

— Não parecia há alguns minutos atrás — resmunguei e peguei outro pão de queijo, me sentido esfomeada.

— Se eu não te proteger, quem o fará, minha filha? — meu pai diz, se levanta e pede para eu fazer o mesmo. Eu o abraço e ele sussurra no meu ouvido: — Eu o castro se te machucar. Ele pode ter dinheiro, mas eu conheço o melhor assassino da cidade.

Arregalei os olhos, ele beijou meu rosto e se despediu.

— Qual o problema dessa família, só sabem falar em assassinato! — brinquei e vi o rosto de Ben se contorcer. Merda, hora errada e assunto errado para se brincar. — Esqueçam o que falei. Vai ficar para almoçar, mãe?

Só agora percebi o quanto sentia falta dos meus pais. Meu pai sempre foi distante, achei muito estranho ele ser invasivo dessa forma, mas minha mãe...

— Dessa vez não poderei ficar, filha. Só vim porque sua avó falou que era uma emergência.

Sim, eu sempre era a segunda opção, uma merda.

— Podemos sair para almoçar. Dona Maria nos acompanha? — Ben se levantou e me abraçou de lado, percebendo meu humor mudar.

— Vão vocês, os jovens. Sobreviveram aos pais da namorada, precisam comemorar. — Minha avó me abraçou e me apertou. — Você é

especial, minha filha — sussurrou.

Sim, talvez em outra época eu fosse.

Vi minha mãe ir embora e abracei meu homem.

— Posso conhecer seu quarto? — Ben brincou.

— Dentro dessa casa ainda estamos no século passado, mocinho. Namoro só na sala e comigo de olho — brincou vovó e foi recolher as travessas na sala.

— Então vamos para minha casa, onde estamos no século certo — falou baixo e me fez rir. Estava adorando tudo isso no final das contas.

— Vó, vou passar o dia com o Ben, tudo bem?

— E desde quando eu autorizo alguma coisa na sua vida, filha? Vá com Deus e se proteja! — ela gritou da cozinha e corei ao ver meu namorado rir.

Troquei de bolsa, me despedi da vovó, comi mais alguns salgados e voltei para o carro com Ben.

A viagem não era longa e mal seguramos um a mão do outro, percebemos um carro diferente estacionado na frente da mansão dele.

— Merda... — resmungou quando apertou o botão do controle do portão e uma mulher exuberante saiu do banco de trás.

Merda dupla, era a noiva com seu sorriso radiante e semblante vibrante. Isso já estava começando a me irritar e um lado que eu desconhecia começou a transbordar.

Sim, eu estava muito a fim de bater em alguém.



# Capítulo 23

## Ray

Entramos com o carro e ela entrou antes de o portão se fechar.

— Posso lidar com isso. Quer voltar para casa, ficar...

— Posso participar? — perguntei, me sentindo no dever de fazer a mesma coisa que ele fez para mim.

— Como? — Ele parecia confuso.

— Se não for muita invasão da sua privacidade, queria participar do que quer que você precise resolver com ela. Gostaria de ser seu apoio... queria pelo menos tentar — resmunguei a frase final, me sentindo tão boba.

Ele era um homem feito, não precisava do meu apoio.

Vi quando a mulher parou do lado do motorista, ele virou as costas para ela, pegou minha mão e beijou o dorso.

— Obrigado por fazer isso por mim. Sim, eu te quero do meu lado.

Com um suspiro, nós saímos do carro e fui obrigada a escutar a voz de ressentida da abusada.

— Oh, Benjamin, o que está acontecendo conosco? Por que você está andando com a estagiária?

Revirei os olhos quando dei a volta no carro e observei Ben se livrar do abraço dela. Ele buscou minha mão, segurou com força e respondeu:

— Vamos conversar lá dentro, Laila.

Ele marchou até um escritório que ainda não conhecia e a mulher nos seguiu com seus sapatos de salto ressoando pela casa.

— Você deve estar confuso, Benjamin. Nossa última conversa não te esclareceu nada? Só temos a ganhar com nossa união.

Antes de me colocar sentada na cadeira presidencial atrás da mesa, Ben me olhou nos olhos e disse tudo o que eu precisava saber.

Confiar nele.

— Laila, nossa união foi baseada apenas em mentiras. Se você não entendeu nossa última conversa, entenda agora, nosso noivado acabou — falou com raiva, cruzou os braços à sua frente e bufou.

Ela olhou para mim e sua máscara impecável caiu.

— Você não pode acabar um relacionamento de mais de cinco anos, Benjamin! — *Porra, tudo isso?* — Eu dediquei minha vida a estar ao seu lado

para ser trocada por uma menina!

Fiz uma careta e mordi a língua para não responder algumas verdades a *essazinha*.

— Não fale besteiras, saí da minha casa com nosso relacionamento encerrado. Meus advogados já entraram em contato com você, não há mais nada para discutir.

— Nós brigamos, você estava sensibilizado por causa da proximidade do aniversário de suicídio do seu pai. Sei o quanto você sofre com isso...

Franzi a testa, o tom sem cuidado que ela usou para falar da morte do pai dele me gerou uma raiva e quis esbofetear a cara dela. Olhei para Ben e vi o quanto ele estava afetado com isso.

Filha da puta, se ela falar mais alguma coisa para afetá-lo, eu interviria. Homem não batia em mulher, mas eu sim!

— Você quer dinheiro, Laila, e isso nós podemos entrar em um acordo. Fale com meus advogados, libere minha casa e apenas suma da minha vida.

— Vamos para a praia, meu amor — ela falou com doçura e meu estômago embrulhou quando ela tocou seu rosto. — Sabe o quanto você se sente bem comigo, com nossos amigos...

Ele segurou a mão dela com força, porque a vi arregalar os olhos. Levantei, me coloquei entre os dois e Benjamin soltou a mão da louca.

Não queria nem saber o que essa louca fazia com Ben e seus amigos, só precisava dela longe.

— Ben é muito educado para dizer isso, mas eu falo: vá embora!

— Quem é você para dizer o que eu tenho que fazer ou não, garota? — Ela me olhou com desprezo e toda a pose de mulher simpática foi embora. — A mídia inteira da cidade sabe que a noiva de Benjamin está aqui, você não passa da amante!

Dei um passo para frente com a mão no ar para esbofetear a cara da mulher, mas Ben segurou minha cintura e puxou meu corpo para junto do seu.

— Último aviso, Laila. Não ofenda minha mulher. Vá embora, converse com meus advogados e arranje outro trouxa para se dedicar cinco anos. — Seu tom era sombrio.

— Sua mulher? — Ela riu alto, me olhou na cabeça aos pés e zombou: — Ela nunca dará conta do tanto de areia que você é, Benjamin. Foder contra a parede, em locais públicos, com várias pessoas olhando... — Ela se satisfez com meu olhar arregalado. — Vá lá, *mulher*, tente fazer meu Benjamin feliz melhor

do que eu fiz.

— Não se engane, Laila. Ela já fez muito mais em quinze dias do que você fez em cinco anos. — Ele se aproximou da mesa comigo ainda presa em seu braço. A mulher me olhava com ódio mortal. — Na verdade — Ben falou com desdém —, qualquer comparação nessa situação é estúpida, porque Rayanne é muito mais mulher do que um dia você achou que fosse.

Oh, movimento errado, porque a louca pulou em cima de mim e caímos os três no chão. O telefone da mesa tinha ido junto, Ben tentou me proteger com seu corpo enquanto falava algo no telefone, mas não conseguiu, antes de ela puxar meu cabelo.

Não deixei por menos, encontrei o dela e fiz o mesmo.

— Meus apliques! — ela gritou e se afastou.

Ben me levantou e me pressionou contra a parede, tentando me proteger com o seu corpo e também conferindo se existia alguma coisa fora do lugar.

Encontrei seu olhar quando escutei a louca gritar para a soltarem. Não fui conferir o que estava acontecendo, a intensidade do que Ben transmitia me manteve cativa.

— Pelo amor de Deus, faça algo para me parar, ou vou acabar com a vida dessa mulher por ter encostado um dedo em você.

Eu o beijei, a única coisa que pensei no momento para que ele mantivesse o foco em mim e não na discussão. Ele parecia desesperado, suas mãos apertavam minha carne e me fizeram gemer pela intensidade.

Não sei quanto tempo se passou até ele finalmente me liberar, se afastar até encontrar a poltrona em um canto da sala e se sentar, as mãos no rosto demonstravam cansaço e frustração.

Estava ofegante, um pouco excitada e muito, mas muito apaixonada.

*Rayanne é muito mais mulher do que um dia você achou que fosse.*

Apesar de ser uma comparação, ser exaltada como mulher era uma declaração de amor sem tamanho para mim. Ele claramente gostava de mim, só não sabia como dizer.

Ah, Ben, havia muito para aprendermos juntos.

Lembrei da discussão, do dia da morte de seu pai e foquei no que realmente precisava fazer. Queria confrontar sobre seu passado, mas a verdade era que eu precisava saber do que ele precisava no presente.

Ajoelhei à sua frente, apertei sua coxa e tive sua atenção.

— Mais um leão abatido hoje, Ben. — Sorri com carinho, ele apenas acarinhou minha bochecha. — Qual é a data de aniversário de morte do seu pai?

— Não sei como não vi os sinais de manipulação sobre mim, Ray. Olha a diferença... — Ele suspirou, me levantou e fez com que sentasse de lado no seu colo. Seus braços me rodearam a cintura e sua cabeça se apoiou sobre os meus seios. — Daqui quinze dias.

— O que você precisa? — perguntei e fiz carinho em seus cabelos, um cafuné numa tentativa de acalento. — Tirando o tal do sexo grupal...

— Não dê ouvidos ao que ela falou, por favor! — implorou e me fez olhar em seus olhos. — Pode ter servido no passado, mas não é o que quero agora. Eu não penso em outra coisa que não seja em família. Você me traz isso, uma vontade louca de te apresentar aos meus irmãos, de ter o que você tem com seus pais e avó. — Segurou meu rosto com as mãos.

— Eu também quero.

Sorri abertamente, mudei de posição e montei em seu colo, minhas mãos foram para o seu rosto e o brilho dos seus olhos refletiam os meus.

— Então é isso que faremos. Missão Valentini, a união da família perdida. Qual era mesmo o irmão que gostava de livros? Vamos ameaçar queimar tudo e quem sabe ele aparece para salvar seus preciosos?

— Onde você estava que não te conheci quando tinha quinze anos?

— Brincando de boneca, com cinco. Pare de pensar no passado, precisamos de um bom plano para o futuro.



# Capítulo 24

## Ben

Se algum dia alguém me falasse que minha vida daria um giro de 180º por causa de uma mulher, eu riria alto. Sempre fui arrogante, tive todos na palma da mão, até descobrir que Laila me enganou muito bem e quem comandava tudo era ela e não eu.

Traído por quem achei ser meu único suporte, fui atrás de quem poderia não me deixar cair, ou melhor, do local onde tudo começou, a mansão dos Valentini.

Parecia até premonição, há alguns dias atrás pedi a Judite que limpasse tudo, porque havia meses que não a pedia para fazer tal coisa. Claro, tinha a ver com a data próxima do falecimento do meu pai...

Perdi meu suporte e ganhei muito mais do que uma base forte para me reerguer. Rayanne, que gostava de ser chamada de Ray, mudou tudo, mostrou toda a mentira que vivi, além do verdadeiro significado do que era gostar de alguém.

Nunca quis enfrentar o mundo por Laila, nunca senti vontade de esperar pacientemente até que ela estivesse pronta para algo, até porque, quem me mostrou alguma coisa foi ela. Enquanto minha ex-noiva me mostrou o poder da luxúria na vida de um homem, Ray me mostrou o amor.

Porra, eu amava essa mulher e não tinha noção do que fazer com essa informação a não ser não a deixar longe de mim.

Eu deveria ter voltado para minha cidade, desmarquei várias reuniões para me manter aqui, curtindo uma lua de mel dos namorados. Tirando o período da manhã, onde trabalhava remotamente, a tarde e a noite eram nossas.

Compartilhamos não só momentos íntimos, como banhos nus na piscina, ou apenas fingindo sermos desconhecidos nos encontrando em uma biblioteca, local que ela amava ficar quando precisava atender alguma chamada urgente pelo telefone.

A situação estava difícil de lidar, eu precisava voltar à minha rotina diária de trabalho, ela precisava se decidir entre me acompanhar ou ficar aqui e...

Precisava unir minha família. Agora, mais do que nunca, sentia o peso que era não ter a união das pessoas que deveriam se amar de forma incondicional.

Ainda não estava pronto para falar com minha mãe, mas meus

irmãos... nós precisávamos lidar com isso.

Deitada no chão da biblioteca, com as pernas balançando por estar de barriga para baixo, Ray digitava furiosamente no celular. Teria que estourar nossa bolha mágica, contar que o dever me chamava e que a amava.

Quando disse a alguém que amava? A única que escutou isso de mim foi minha mãe, anos atrás, antes de descobrir a traição.

— Vocês são loucas... — Ray murmurou e agachei ao seu lado, arrancando um sorriso dos seus lábios e ainda por cima, ganhando um beijo.

— Quem é louca?

— Minhas amigas, um dia apresento a você, quando souber que você não fugirá para as colinas.

— Eu enfrentei seus pais, amor — falei o apelido que adorava dizer e a vi sentar ao meu lado, deixando o celular no chão.

— Repito, preciso ter certeza que não fugirá. Elas podem ser muito... invasivas. — Subiu no meu colo e me abraçou.

Ray se mostrava muito mais livre na questão sexual. De tímida e virgem passou a carente e amorosa, o melhor, e o que eu mais precisava no momento.

— Elas moram na cidade? Por que não as chama para um banho de piscina?

— Porque diferente de mim, elas trabalham igual condenadas. Três não moram aqui. Letícia, sim, trabalha num escritório de contabilidade e se mata de segunda a segunda. Paula é coach e... — Seu olhar iluminou e ela beijou meus lábios com carinho. — É isso, como não pensei antes!

— Isso o quê?

— Contrate a Paula, mexa seus pauzinhos de homem poderoso...

— Eu não tenho pauzinhos... — brinquei estar bravo.

— Você entendeu o que quis dizer — zombou. — A última coisa que posso dizer sobre você é que tem um pauzinho. — Corou e mordi seu pescoço, essa conversa começou a me dar ideias.

— Ah, é? E qual é o tamanho do meu pau?

— Não tire meu foco, Ben — gemeu quando segurei sua bunda e encaixei nossos corpos sentados. — Depois você pode me jogar na parede e chamar de lagartixa, agora, preciso de você atento.

— Uhum... — Continuei torturando-a com minhas carícias. Amava quando ela estava animada com algo, o brilho no seus olhos era tudo o que

precisava para me manter duro e fiel a ela.

Eu a amava.

— Ben, precisamos fazer uma festa. — Ela saiu do meu colo e tentou se recompor. — Que seja fúnebre lembrando a partida do seu pai ou anunciando a demolição da casa. Você já não me contou que esse era o único bem de família que nenhum dos irmãos quer se desfazer?

Ela era tão cuidadosa ao falar da minha família, a morte do meu pai. Ela também me amava, estava nítido nos seus olhos, por que nunca me falou?

Será que ela está esperando que eu fale primeiro?

Levantei, estendi a mão e a fiz levantar também.

— E aí, não vai dizer nada? Minha ideia é muito errada? Porque quando seus irmãos chegarem, posso chamar minha amiga Paula, ela conversa com vocês como terapeuta, mas sem esse título para não assustar. Vocês irão se reconciliar e...

Removi sua blusa e a deixei apenas de sutiã e short. Segurei seu queixo com minha mão e tentei mostrar apenas com o olhar o que eu sentia.

Eu a amava.

Ela era tudo para mim.

Uma ideia surgiu, a mais louca de todas que já tive na minha vida e dessa vez, não iria pensar nas consequências. Pela primeira vez largaria meu lado profissional e racional de lado, eu só agiria conforme meu coração.

— Haverá uma festa — falei e beijei sua bochecha, depois a outra e então, seus lábios.

— Ótimo. Qual é melhor? Acho que demolição da casa, não é legal brincar com os mortos... — falou com receio e isso só me fez amar mais ainda essa mulher.

— Um casamento, Ray. — Removi seu sutiã e massageei seus seios firmes. Eu amava cada pedacinho dela.

— Hum... não tinha pensado nisso antes. Casamento une as pessoas, como batizados e funerais. Casamento é bom, mas de quem?

Ela arregalou os olhos e achei que tinha entendido minha proposta. Porra, não tinha um anel em casa, precisava providenciar um hoje, assim que ela me falasse sim.

Meu estômago embrulhou, o último noivado que firmei ainda tinha as faturas pagas para me atormentar. Não, ela não era Laila, minha ex estava morta e enterrada para mim.

— Meu casamento, Ray. — Apertei seu seio e senti seu corpo endurecer. Encontrei seus olhos e vi dúvida e ressentimento. Não, ela não havia entendido minha indireta, por isso sorri e vi seu medo aumentar mais ainda.

— Você vai... você... é...

— Eu te amo, Rayanne — falei e percebi que dessa vez ela entendeu completamente o que eu queria dizer. — Precipitado? Talvez. Tenho dúvida sobre isso? Nenhuma. Tenho medo do nosso futuro? Não, estou implorando para que você passe o resto da sua vida comigo.

— Mas... — Senti seu coração acelerado, coloquei minha mão no dela e a fiz colocar sua mão no meu. Engraçado como parecíamos sincronizados, mas não era de medo, mas excitação.

Finalmente tudo parecia claro para mim.

Quantos negócios fechei e não enxergava o futuro de forma clara... Quantas empresas vi prosperar e falir, sem sentir nada, nenhuma emoção...

Mas não agora, não quando a resposta que esperava dela era tudo para mim.

— Em nosso relacionamento não cabe “mas”, Ray. Você é peça fundamental para que eu consiga unir minha família, a única pessoa que se entregou de corpo e alma para um idiota que não sabia o que era realmente viver. Case comigo, viva ao meu lado e me faça o homem mais feliz desse mundo ao ter seu sorriso e seu carinho todos os dias.

Seus lábios curvaram para baixo, vi seus olhos encherem de lágrimas e tinha medo do que estava por vir. Sei que não merecia nenhuma felicidade nesse mundo, mas pelo amor de Deus, estava buscando me redimir.

Segurei seu rosto e tentei uma última vez:

— Eu te amo.

— Sim — respondeu chorosa e as lágrimas escorreram de seus olhos. Tratei de enxugá-las, minhas mãos tremiam. — Meus pais vão querer te marar e minhas amigas passarão com o carro por cima de mim por não ter te apresentado antes ou ser precipitada, mas sim.

Ela me abraçou com força, riu e chorou, me fazendo suspirar em contentamento.

Ela disse sim, mas não que me amava... era um começo pelo menos.

— Oh, Ben, um casamento, comigo! — Arrancou minha camiseta, desesperada. — Sela logo esse contrato, estou pegando fogo por dentro.

Removi minha calça, ela removeu seu short e no desespero, a penetrei

com força, intenso, alucinado.

Não houve tempo para preliminares, muito menos para carícias, nossas juras de amor foram feitas com os gemidos e suas unhas nas minhas costas.

Ainda deitada em cima da mesa, comigo a cobrindo, gozei e percebi, tardiamente, que não coloquei nenhuma camisinha. Ela também percebeu, endureceu o corpo antes de relaxar e suspirar.

— Nós lidaremos juntos com qualquer consequência — falei desesperado.

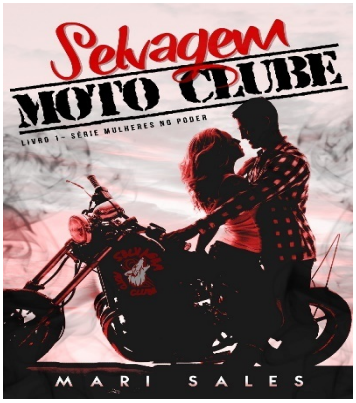
— Eu te amo, Ben — ela me olhou com carinho e sentou na mesa. — Nós lidaremos juntos com qualquer consequência e com sua família. Você voltará a ser completo.

Abracei a mulher que talvez não soubesse, mas conseguiu me fazer chorar mais de uma vez. Eu voltaria a ser completo... sim, ela foi capaz de ver através da minha alma quebrada, acalmou meus pesadelos e me tornou mais homem do que um dia achei que era.

— Eu te amo, Ray.

— Também te amo, Ben. Muito!

# Outras Obras

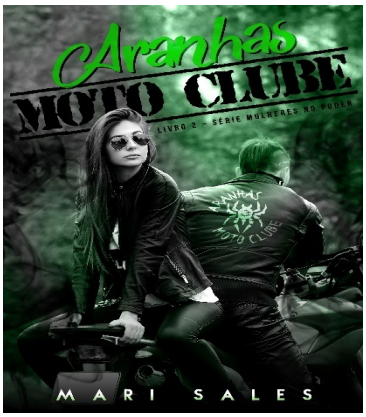



**Selvagem Moto Clube:** https://amzn.to/2QlULdz

**Sinopse:** O presidente do Selvagem Moto Clube está gravemente doente e um sucessor precisará ser escolhido antes que John morra. O vice-presidente deveria ser o herdeiro legítimo, mas seu mal caráter e negócios ilícitos fazem com que essa vaga seja disputada.

John nunca quis que sua família se envolvesse com seu Moto Clube, mas sua filha Valentine entra na disputa pela presidência e nada mudará sua decisão. No meio dessa disputa entre o comando do Selvagem, Doc é o único homem que ela poderá confiar para lutar pelo Moto Clube e quem sabe pelo seu coração, que há muito foi judiado por outro motociclista.

Entre a brutalidade e o preconceito, Doc e Valentine encontrarão muito mais do que resistência nos membros do Moto Clube, mas intrigas e traição.



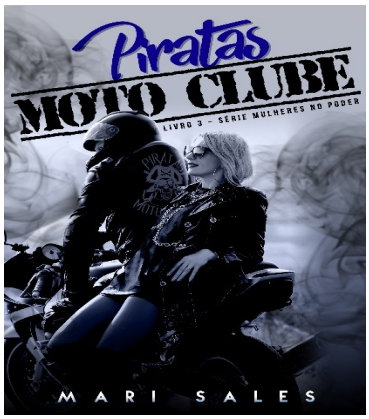

**Aranhas Moto Clube:** https://amzn.to/2x62CDU

**Sinopse:** Ter um relacionamento afetivo nunca foi preferência na vida de Rachel Collins. Seu trabalho e seu irmão eram as únicas prioridades, até que seu caminho cruza com o de Victor Aranha em um tribunal, em lados opostos. O homem de postura arrogante e confiante, presidente de um Moto Clube, abalou os planos da advogada.

Tempos depois, os dois se encontram informalmente e a chama adormecida se acende. Prudente e competente, Rachel acaba em conflito de interesses ao ser convidada por Victor, para uma noite sem compromisso. O lado pessoal dos dois estava pronto para colocar em risco tudo o que construíram.

Ela seguia as leis. Ele as quebrava.

Victor precisa de assessoria jurídica, e claro que convoca a atrevida Rachel Collins. Tentada pelo desafio, acaba envolvida em muito mais do que suas teias, mas no lado obscuro do Aranhas Moto Clube.




**Piratas Moto Clube:** https://amzn.to/2QpLOzN

**Sinopse:** Ser o presidente do Piratas Moto Clube nunca tinha passado pela cabeça de Richard Collins, um homem respeitado e de valores tradicionais. Ele assumiu o posto de chefe de família muito cedo e isso trouxe sequelas para sua confiança. Apesar disso, ninguém sabia que debaixo daquela postura firme e cheia de argumentos morava um homem assombrado pelas suas limitações.

Nina está envolvida em todos os assuntos dos seus amigos, principalmente quando Richard, seu Lorde da vida, está em causa. Quando ele precisa de proteção extra, além do que já tem por causa de JFreeman, ela não só se voluntaria, mas decide investir, finalmente, na sua atração pelo homem que é o verdadeiro príncipe de terno e gravata.

Apesar de serem de mundos diferentes e com convicções completamente opostas, as circunstâncias colocarão à prova tudo o que acreditam, inclusive seus próprios medos.

As aparências trazem julgamentos precipitados e as histórias de família mal contadas também. Existem muito mais segredos pirateados do que ocultos nessa história.

# Table of Contents

Sinopse
Dedicatória
Agradecimentos
Capítulo 1
Ray
Capítulo 2
Ray
Capítulo 3
Ray
Capítulo 4
Ray
Capítulo 5
Ray
Capítulo 6
Ray
Capítulo 7
Ray
Capítulo 8
Ray
Capítulo 9
Ray
Capítulo 10
Ray
Capítulo 11
Ray
Capítulo 12
Ray
Capítulo 13
Ray
Capítulo 14
Ray
Capítulo 15
Ray
Capítulo 16
Ray

Capítulo 17
Ray
Capítulo 18
Ray
Capítulo 19
Ray
Capítulo 20
Ray
Capítulo 21
Ray
Capítulo 22
Ray
Capítulo 23
Ray
Capítulo 24
Ben
Outras Obras